



vida pastoral

janeiro-fevereiro de 2020 – ano 61 – número 331

SINODALIDADE E CONVERSÃO PASTORAL



*Navegar é inevitável,
mas a rota é você quem escolhe.
Escolha a perseverança!*



A **PAULUS** apresenta com exclusividade o novo material de iniciação à vida cristã para perseverança! *Rotas de navegação* é uma proposta para as comunidades que querem trabalhar de forma ousada a evangelização da juventude, segundo a mentalidade da "Igreja em saída" do Papa Francisco. Indicada para jovens de 11 a 22 anos, a obra oferece uma catequese mistagógica, comunitária e formadora de verdadeiros discípulos missionários. Comece já a sua rota na perseverança, rumo ao encontro com o Cristo Jovem!

"Nossa vida nesta realidade é uma travessia para a vida eterna; por isso, precisamos de orientações para encontrar a rota certa."

Prezadas irmãs, prezados irmãos, graça e paz!

**vida
pastoral**

Iniciamos um novo ano. O tempo se abre como possibilidade de reavivarmos o dom que recebemos de Deus, como bem lembra o apóstolo são Paulo na carta a Timóteo: “reacenda o dom de Deus, que está em você” (2Tm 1,6). Reacender o dom é deixar que o Espírito nos ilumine para que nossas forças não sejam empregadas em vão. Há em nós uma centelha divina que nos faz enxergar para além dos desânimos e fadigas do cotidiano. É hora de levantar a cabeça, com os pés firmes na realidade e ver os horizontes de esperança que se apresentam para nós.

De fato, é a esperança que move a vida cristã. Somos o povo da espera (Ex 3,7-14) e, à semelhança dos primeiros discípulos de Jesus, carregamos em nós a força e a capacidade de sempre recomeçar. No evento da cruz, o grande sinal da revelação plena do amor, quando tudo parecia terminado, foi então que tudo começou (Lc 24,13-35). Para nós, o passado e o futuro são horizontes que apontam para a esperança.

É nessa perspectiva que *Vida Pastoral* inicia o ano de 2020, com o espírito renovado. Na esteira do dinamismo do apóstolo são Paulo e em sintonia com o pensamento do papa Francisco, o tema de capa desta edição trata de um assunto fundamental para o anúncio integral do evangelho: *sinodalidade e conversão pastoral*.

Sinodalidade provém da palavra *sinodo*, que significa *caminho feito juntos*. Sabe-se que os primeiros seguidores de Jesus eram identificados pela característica de caminhar juntos (At 9,2; 22,4). Apesar das perseguições, que não eram poucas, os discípulos caminhavam unidos, sabendo que a condição humana está destinada para a vida, e não para a morte. O Concílio Vaticano II expressou bem a dimensão de uma Igreja

sinodal (cf. *Lumen Gentium*) e a necessidade de renovação, de modo que a mensagem da salvação não seja aprisionada (cf. 2Tm 2,9), mas toque o coração da humanidade hoje. À luz do Concílio, também as Conferências Episcopais da América Latina e do Caribe intensificaram o dinamismo eclesial, convocando os seus membros a viverem no espírito de comunhão e participação. Merece especial destaque as Conferências de Puebla (1979) e de Aparecida (2007).

Nessa perspectiva, o Cônego Sérgio Conrado discorre em seu artigo sobre a sinodalidade como o caminho que Deus espera da Igreja hoje. Para tanto, adverte sobre a necessidade de verdadeira conversão pastoral, evidenciando, assim, o que Francisco tem insistido desde o início de seu pontificado. Para Faustino Teixeira, a grande riqueza do pensamento do pontífice está em defender o desafio dialogal, o respeito à consciência e o direito ao pluralismo religioso, como expressões do anúncio, pontuado pelo testemunho, pela solidariedade e pela acolhida. Pe. Elcio Cordeiro, por sua vez, apresenta uma característica peculiar da missão de Francisco, a sua especial ternura pelos preferidos de Jesus, os pobres. Finalmente, numa perspectiva de abertura e acolhida, pe. Erivaldo Dantas alarga a compreensão de uma das expressões mais marcantes do pontificado de Francisco, a “Igreja em saída”, como uma Igreja decididamente missionária, capaz de sair da autorreferencialidade.

Para os roteiros homiléticos, acolhemos a preciosa colaboração de pe. Francisco Cornélio, que irá nos brindar com suas reflexões durante este ano.

Boa leitura!

Pe. Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

Editor

vida pastoral

Revista bimestral para sacerdotes
e agentes de pastoral

Ano 61 - Nº 331
Janeiro-Fevereiro de 2020

Editora

PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO

Jornalista Responsável

Valdir José de Castro, ssp

Editor

Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

Conselho Editorial

Antonio Iraldo Alves de Brito, ssp

Darci Luiz Marin, ssp

Paulo Sérgio Bazaglia, ssp

Sílvio Ribas, ssp

Ilustrações

Patrícia Campinas (artigos)

e Luís Henrique Alves Pinto

(Roteiros Homiléticos)

Imagem da Capa

iStock

Diagramação e Projeto Gráfico

Elisa Zuigeber

Revisão

Alexandre Santana e Tiago Leme

Assinaturas

assinaturas@paulus.com.br

(11) 3789-4000

WhatsApp: 99974-1840

Rua Francisco Cruz, 229

Depto. Financeiro • CEP 04117-091

São Paulo/SP



Redação

© PAULUS – São Paulo (Brasil)

ISSN 0507-7184

vidapastoral@paulus.com.br

paulus.com.br / paulinos.org.br

vidapastoral.com.br

Periódico de divulgação científica.

Área:

Humanidades e artes.

Curso: Teologia.

Sumário

SINODALIDADE E CONVERSÃO PASTORAL.....	4
Sergio Conrado	
FRANCISCO E O PLURALISMO RELIGIOSO.....	15
Faustino Teixeira	
PAPA FRANCISCO E OS POBRES	22
Elcio A. Cordeiro	
POR UMA “IGREJA EM SAÍDA”	30
Erivaldo Dantas, ssp	
ROTEIROS HOMILÉTICOS	38
Francisco Cornélio Freire Rodrigues*	

Assinaturas

A revista **Vida Pastoral** é distribuída gratuitamente pela Paulus.

A editora aceita contribuições espontâneas para as despesas postais e de produção da revista.

Para as pessoas que moram em cidades onde não há livraria Paulus e desejam receber a revista, as assinaturas podem ser efetuadas mediante envio dos dados para cadastro de assinante (nome completo, endereço, telefone, CPF ou CNPJ) e de contribuição espontânea para a manutenção da revista. Para os que já são assinantes e desejam renovar a assinatura, pede-se acrescentar aos dados também o código de assinante.

Para contato:

E-mail: assinaturas@paulus.com.br

Tel: (11) 3789-4000

WhatsApp: (11) 99974-1840

Para a efetuação de assinaturas, enviar dados e cópia de comprovante de depósito da contribuição para despesas postais para:

Revista Vida Pastoral – assinaturas

Rua Francisco Cruz, 229 – Depto. Financeiro

04117-091 – São Paulo – SP

Contas para depósito de contribuição para despesas postais:

Banco do Brasil: agência 300-X, conta 105555

Bradesco: agência 3450-9, conta 1139-8

APARECIDA – SP

Centro de Apoio aos Romeiros
Lojas 44,45,78,79
(12) 3104-1145
aparecida@paulus.com.br

ARACAJU – SE

Rua Laranjeiras, 319
(79) 3211-2927
aracaju@paulus.com.br

BELÉM – PA

Rua 28 de setembro, 61 – Campina
(91) 3212-1195
belem@paulus.com.br

BELO HORIZONTE – MG

Rua da Bahia, 1136
Ed. Arcângelo Maleta
(31) 3274-3299
bh@paulus.com.br

BRASÍLIA – DF

SCS – Q.1 – Bloco
Edifício Central – Loja 15 – Asa Sul
(61) 3225-9847
brasil@paulus.com.br

CAMPINAS – SP

Rua Barão de Jaguará, 1163
(19) 3231-5866
campinas@paulus.com.br

CAMPO GRANDE – MS

Av. Calógeras, 2405 – Centro
(67) 3382-3251
campogrande@paulus.com.br

CAXIAS DO SUL – RS

Av. Júlio de Castilho, 2029
(54) 3221-7797
caxias@paulus.com.br

CUIABÁ – MT

Rua Antônio Maria Coelho, 180
(65) 3623-0207
cuiaba@paulus.com.br

CURITIBA – PR

Pça. Rui Barbosa, 599
(41) 3223-6652
curitiba@paulus.com.br

FLORIANÓPOLIS – SC

Rua Jerônimo Coelho, 119
(48) 3223-6567
florianopolis@paulus.com.br

FORTALEZA – CE

Rua Floriano Peixoto, 523
(85) 3252-4201
fortaleza@paulus.com.br

GOIÂNIA – GO

Rua Seis, 201 – Centro
(62) 3223-6860
goiania@paulus.com.br

JOÃO PESSOA – PB

Rua Peregrino de
Carvalho, 134 – Centro
(83) 3221-5108
joaopessoa@paulus.com.br

JUIZ DE FORA – MG

Av. Barão do Rio Branco, 2590
(32) 3215-2160
juizdefora@paulus.com.br

MANAUS – AM

Rua Itamaracá, 21, Centro
(92) 3622-7110
manaus@paulus.com.br

NATAL – RN

Rua Cel. Cascudo, 333
Cidade Alta – (84) 3211-7514
natal@paulus.com.br

PORTO ALEGRE – RS

Rua Dr. José Montauray, 155
Centro – (51) 3227-7313
portoalegre@paulus.com.br

RECIFE – PE

Av. Dantas Barreto, 1000 B
(81) 3224-9637
recife@paulus.com.br

RIBEIRÃO PRETO – SP

Rua São Sebastião, 621
(16) 3610-9203
ribeiraopreto@paulus.com.br

RIO DE JANEIRO – RJ

Rua México, 111–B
(21) 2240-1303
riodejaneiro@paulus.com.br

SALVADOR – BA

Rua Direita da Piedade, 75
Barris (71) 3321-4446
salvador@paulus.com.br

SANTO ANDRÉ – SP

Rua Campos Sales, 255
(11) 4992-0623
stoandre@paulus.com.br

SÃO JOSÉ DO RIO PRETO – SP

Rua XV de Novembro, 2826
(17) 3233-5188
riopreto@paulus.com.br

SÃO LUÍS – MA

Rua do Passeio, 229 – Centro
(98) 3231-2665
saoluis@paulus.com.br

SÃO PAULO – PRAÇA DA SÉ

Praça da Sé, 180
(11) 3105-0030
pracase@paulus.com.br

SÃO PAULO – RAPOSO TAVARES

Via Raposo Tavares, Km 18,5
(11) 3789-4005
raposotavares@paulus.com.br

SÃO PAULO – VILA MARIANA

Rua Dr. Pinto Ferraz, 207
Metrô Vila Mariana
(11) 5549-1582
vilamariana@paulus.com.br

SOROCABA – SP

Rua Cesário Mota, 72 – Centro
(15) 3442-4300 3442-3008
sorocaba@paulus.com.br

VITÓRIA – ES

Rua Duque de Caxias, 121
(27) 3323-0116
vitoria@paulus.com.br

Sinodalidade e conversão pastoral

O artigo discorre sobre a realidade da sinodalidade como o caminho que Deus espera da Igreja hoje se houver verdadeira conversão pastoral.

*Cônego Sergio Conrado é professor doutor em Teologia Pastoral pela Universidade Lateranense de Roma e professor emérito pela Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção – PUC/São Paulo. Pároco da Paróquia São Gabriel (Jardim Paulista), Arquidiocese de São Paulo. E-mail: conradosergio@terra.com.br

INTRODUÇÃO

Não há dúvida de que o sínodo já é parte integrante da vida da Igreja universal e particular e, onde tem sido realizado, alcança um patamar bastante alto de eficácia. O sínodo é profundo convite à conversão pessoal, pastoral e eclesial diante da constatação de que os objetivos da evangelização não estão sendo plenamente atingidos. O próprio Concílio Vaticano II, há mais de 50 anos, foi um apelo solene e insistente para que a Igreja toda se renovasse na missão, levando em conta as novas realidades sociais, culturais e religiosas que compunham o contexto da época.

No período pós-conciliar, em 1965, São Paulo VI convocou o primeiro Sínodo dos Bispos e, a partir daí, pouco a pouco, foram realizados muitos, em diferentes setores da Igreja, como o Sínodo dos Bispos sobre a evangelização do mundo contemporâneo. Com a compreensão de que a missão permanente é a razão de ser da Igreja, a si-

nodalidade, desde o início mostrou ser necessário sempre rever a ação pastoral, seus métodos e instrumentos, e ter a conversão pastoral como sustento da missão. Seguindo essa linha, os sínodos abrangiam as múltiplas áreas de ação eclesial, como o Sínodo sobre a catequese (*Catechesi Tradendae*, 1979) e sobre a ação missionária da Igreja (*Redemptoris Missio*, 1990).

Outros sínodos refletiram e tiraram muitas boas conclusões sobre a vocação e a missão dos leigos na Igreja e no mundo contemporâneo (*Christifideles Laici*, 1988), sobre a vocação sacerdotal, vida e ministérios dos presbíteros (*Pastores Dabo Vobis*, 1992), sobre a missão dos bispos (*Pastores Gregis*, 2001), sobre religiosos e religiosas (*Vita Consecrata*, 1996) sobre a família (*Amoris Laetitia*, 2014-2015), sobre os jovens, a fé e discernimento vocacional (*Christus Vivit*, 2019) e, mais recentemente, sobre a Pan-Amazônia (2019).

Não foi outra a preocupação das Conferências Gerais do Episcopado da América



Latina e do Caribe diante da já crescente secularização e pluralismo religioso do nosso tempo: Medellín, 1968; Puebla, 1979; Santo Domingo, 1991; Aparecida, 2007. Nesta última, além de assistirmos à retomada dos ensinamentos do Vaticano II, constatamos que a conversão pastoral eclesial e missionária se tornou corajosa e profunda marca na Igreja latino-americana.

Com seus documentos e diretrizes, as assembleias da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) têm primado em manter as dioceses brasileiras em constante busca de novos meios e estratégias para enfrentar, de um lado, o abandono da prática religiosa por parte dos católicos e, de outro, os apelos – nem sempre éticos e morais – de novas pseudorreligiões e seitas que se dizem evangélicas. Aí o sínodo tem sido, para as dioceses, um tempo de escuta do Espírito Santo, de revisão, de busca de novos métodos e estruturas, que pede verdadeira conversão pastoral (CELAM, 2007,

n. 365–372), tendo em vista a obtenção de uma noção mais clara da realidade religiosa, cultural, econômica e social das dioceses. A Arquidiocese de São Paulo se encontra no terceiro ano da realização de seu sínodo e – como uma cidade que, de alguma forma, retrata todo o Brasil – poderá fornecer elementos muito válidos de reflexão e ação.

Assim, gostaríamos de pautar nossas reflexões no contexto globalizante constituído pela secularização e pelo pluralismo religioso, na trilha do sínodo/sinodalidade e da conversão pastoral como um binômio que, embora já assumido pela Igreja, ainda necessita de maior aprofundamento e empenho.

Num primeiro momento, pretendemos oferecer alguns elementos de aprofundamento do significado teológico da sinodalidade na perspectiva da eclesiologia católica em sintonia com o Concílio Vaticano II, fundamentada na Escritura e na Tradição. Em seguida, compreender que a sinodalidade exige permanentemente a conversão espiritual-pastoral e o discernimento comunitário e missionário exigidos por uma autêntica experiência de Igreja sinodal. Finalmente, apresentar algumas considerações pastorais que poderão, com a Escritura e a Tradição, ajudar a assumir melhor o que o papa Francisco declarou: “O caminho da sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja no terceiro milênio” (FRANCISCO, 2015).

1. SINODALIDADE, SÍNODO E CONCÍLIO

A sinodalidade como elemento inerente ao ser eclesial é uma afirmação proferida pelo papa Francisco na comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos realizada por São Paulo VI (FRANCISCO, 2015). Trata-se, na realidade, de verdade programática e empenhadora dentro da Igreja, que busca reformar sua vida em busca de uma saída cada vez

**"A PALAVRA 'SÍNODO', NO GREGO ECLESIAÍSTICO, EXPRESSA
O SER CONVOCADO EM ASSEMBLEIA DOS DISCÍPULOS DE JESUS E,
EM ALGUNS CASOS, É SINÔNIMO DA COMUNIDADE ECLESIAL."**

mais missionária. A sinodalidade, de fato, sendo "dimensão constitutiva da Igreja", é "aquilo que o Senhor nos pede", e, de certa maneira, "está já tudo contido na palavra 'sínodo'" (FRANCISCO, 2015).

Sínodo é palavra muito antiga e venerada na tradição da Igreja, e seu significado exprime um conteúdo muito profundo da Revelação. O termo é constituído pela preposição e pelo substantivo, "caminho": indica o caminho feito pelo Povo de Deus que está intimamente unido ao Senhor Jesus – o qual se apresenta a si mesmo como "o Caminho, a Verdade e a Vida" (Jo 14,6) – e o fato de que os cristãos, no seguimento de Jesus, são, na sua origem, chamados de discípulos do Caminho (cf. At 9,2; 19,9.23; 22,4; 24,14.22).

A palavra "sínodo", no grego eclesiástico, exprime o ser convocado em assembleia dos discípulos de Jesus e, em alguns casos, é sinônimo da comunidade eclesial. São João Crisóstomo, por exemplo, escreve que Igreja é estar a caminho juntos. Ele explica que a Igreja, de fato, é assembleia convocada para render graças e louvores a Deus como um coro, uma realidade harmônica, pois todos aqueles que a compõem, mediante suas recíprocas relações, convergem para um mesmo sentir e agir.

Além disso, desde os primeiros séculos, são designadas com a palavra "sínodo", com um significado específico, as assembleias eclesiais convocadas nos diferentes níveis (diocesano, provincial ou regional, patriarcal, universal) para discernir, à luz da Palavra de Deus e na escuta do Espírito Santo, as questões doutrinárias, litúrgicas, canônicas e pastorais que, de quando em quando, se apresentam.

A palavra grega é traduzida em latim como *sinodus* ou *concilium*. No uso profano, concílio indica uma assembleia convocada pela legítima autoridade. Embora as raízes de "sínodo" e de "concílio" sejam diferentes, o significado é convergente. Aliás, "concílio" enriquece o conteúdo semântico de "sínodo", explicitando a palavra hebraica *qahal*, a assembleia convocada pelo Senhor, e a sua tradução no grego *ecclesia*, que designa, no Novo Testamento, a convocação escatológica do Povo de Deus em Cristo Jesus.

A distinção no uso das palavras "concílio" e "sínodo" na Igreja católica é recente; no Vaticano II (*Dei Verbum*, n. 1; *Sacrosanctum Concilium*, n. 1) são sinônimas ao designar a assembleia conciliar. O Código de Direito Canônico da Igreja latina (1983) introduziu uma "precisão", na qual se distingue entre concílio particular (plenário ou provincial) e Concílio Ecumênico, de um lado, e Sínodo dos Bispos e sínodo diocesano, de outro.

Nos últimos decênios, na literatura teológica, canonista e pastoral, foi introduzido o uso de um substantivo com uma característica própria, "sinodalidade", relacionado ao adjetivo "sinodal", ambos derivados da palavra "sínodo". Assim, descreve-se a sinodalidade como dimensão constitutiva da Igreja e, conseqüentemente, fala-se de Igreja sinodal. Trata-se de novidade de linguagem que, embora ainda mereça acurada reflexão teológica, indica uma aquisição que amadurece na consciência eclesial a partir do magistério do Vaticano II e também da experiência vivida, nas Igrejas locais e na Igreja universal, desde o último Concílio até os nossos dias.

1.1. Comunhão, sinodalidade, colegialidade

Embora o termo “sinodalidade” e o conceito que ele exprime não se encontrem explicitamente no ensinamento do Concílio Vaticano II, podemos afirmar que a dimensão da sinodalidade permeia o âmago da obra de renovação promovida por esse Concílio.

A eclesiologia do Povo de Deus sublinha enfaticamente a comum dignidade e missão de todos os batizados, no exercício da multiforme e ordenada riqueza de seus carismas, de suas vocações, de seus ministérios. O conceito de comunhão exprime aí o cerne profundo do mistério e da missão da Igreja, que tem na Eucaristia sua fonte e seu ápice (CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, 1992).

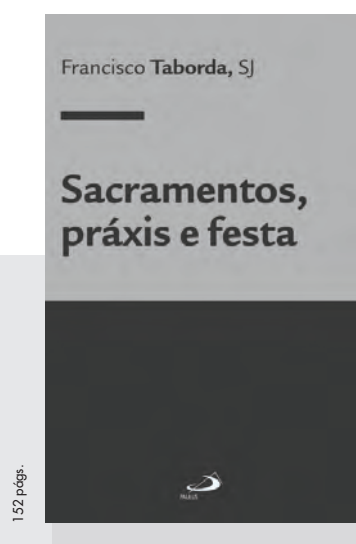
A sinodalidade, nesse contexto eclesiológico, mostra o específico modo de viver e de agir (*modus vivendi et operandi*) da Igreja Povo de Deus. Assim, manifesta e realiza concretamente seu ser comunhão ao caminhar em união ao reunir-se em assembleia e ao contar com a participação ativa de todos os seus membros na missão evangelizadora.

Enquanto o conceito de sinodalidade exige o envolvimento e a participação de todo o Povo de Deus na vida e na missão da Igreja, o conceito de colegialidade especifica o significado teológico e a forma de exercício do ministério dos bispos a serviço da Igreja particular. Cada uma das Igrejas particulares está confiada aos cuidados e aos serviços pastorais de cada bispo, e na comunhão entre elas, no seio da única e universal Igreja de Cristo, realiza-se a comunhão hierárquica do Colégio Episcopal com o Bispo de Roma.

Dessa forma, podemos perceber com clareza que a colegialidade é uma forma específica na qual a sinodalidade eclesial se manifesta e se realiza por meio do ministério dos bispos, na comunhão entre as

Sacramentos práxis e festa

Francisco Taborda, SJ



Neste livro, além de tratar das grandes questões da teologia dos sacramentos de forma clara, acessível, convincente e cativante, o autor faz uma reformulação dessa teologia com base em um círculo dialético-hermenêutico formado por duas categorias: a da “práxis”, para a fé cristã, e a da “festa”, para os sacramentos da fé. Desse modo, Francisco Taborda deixa claro o lugar dos sacramentos na vida cristã.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

“O PECADO IMPEDE A REALIZAÇÃO DO PROJETO DIVINO, MAS DEUS, NA SUA MISERICÓRDIA, RENOVA A ALIANÇA PARA RECONDUZIR A HUMANIDADE PARA O CAMINHO DA UNIÃO COM ELE, NA UNIDADE COM OS IRMÃOS NA CASA COMUM.”

Igrejas particulares e na Igreja universal. É possível então afirmar que cada legítima manifestação de sinodalidade exige, por sua natureza, o exercício do ministério colegial dos bispos.

É certo que são muitos os frutos da renovação operada pelo Vaticano II, como a comunhão eclesial, a colegialidade episcopal, a consciência e a prática sinodal. No entanto, há muito ainda por fazer na direção traçada pelo Concílio. Embora a figura sinodal de Igreja tenha sido amplamente compartilhada e conseguido formas positivas de atuação, é necessário ainda aprofundar seus princípios teológicos e tornar as orientações pastorais mais incisivas.

Aí se encontra a novidade lançada pelo papa Francisco, na trilha iniciada pelo Vaticano II e percorrida por seus antecessores: ele sublinha que a sinodalidade exprime a figura da Igreja que brota do evangelho de Jesus e é chamada a encarnar-se hoje na história, na fidelidade criativa à Tradição.

Em conformidade com o ensinamento da *Lumen Gentium*, o papa Francisco afirma que a sinodalidade nos oferece a chave interpretativa mais adequada para compreender o próprio ministério hierárquico. E, com base na doutrina do sentido da fé dos fiéis (*sensus fidei fidelium*), acentua que todos os membros da Igreja são sujeitos ativos da evangelização (cf. FRANCISCO, 2013, n. 119).

Finalmente, a sinodalidade se encontra no coração do empenho ecumênico dos cristãos, porque representa um convite a caminhar juntos rumo à plena comunhão da Igreja, na qual possam encontrar um lugar para as legítimas diversidades segundo a lógica de uma sincera troca de dons à luz da verdade.

1.2. Sinodalidade na Escritura

Não poderíamos concluir uma reflexão sobre a sinodalidade sem antes mostrar que, já na Escritura e na Tradição, ela está profundamente presente e nelas se baseia.

Os elementos da vida sinodal na Igreja e na Tradição atestam que, no plano divino de salvação, se encontra inerente a vocação à união com Deus e que todo o gênero humano se une a Jesus Cristo por meio do ministério da Igreja. Naturalmente não se trata, de nossa parte, de reflexão exaustiva, e sim de algumas linhas de fundo necessárias para o discernimento dos princípios teológicos que devem animar e regular a vida, as estruturas, os processos e os eventos sinodais.

O Antigo Testamento nos mostra que o ser humano, homem e mulher, foi criado à imagem e semelhança de Deus como um ser social chamado a colaborar com o Criador, caminhando com ele na comunhão, cuidando do universo e orientando-o para sua meta. O pecado impede a realização do projeto divino, mas Deus, na sua misericórdia, renova a aliança para reconduzir a humanidade para o caminho da união com Ele, na unidade com os irmãos na casa comum (cf. Gn 9,8-17; Ex 19-24).

A convocação de Abraão e sua descendência (cf. Gn 12,1-3; 17,1-5) é a *ecclesia* sancionada no pacto do Sinai (cf. Ex 24,6-8); o povo de Deus libertado se torna o interlocutor do Senhor e, no caminho do êxodo, reúne-se ao seu redor para celebrar o culto e viver a Lei. Aqui está a manifestação da vocação sinodal do Povo de Deus, com Moisés à frente e a colaboração colegiada dos juízes, anciãos e levitas.

A mensagem dos profetas inculca no Povo de Deus a exigência de caminhar juntos, de converter o coração para o Senhor. Para que isso aconteça, este promete dar ao povo um coração e um espírito novos (cf. Ez 11,19).

Em Jesus de Nazaré, Deus realiza a nova aliança, e o Messias revela – em sua vida e na sua pessoa – que Deus é comunhão de amor e que, na sua misericórdia, quer abraçar na unidade a humanidade inteira (cf. Jo 1,1-18).

Os Atos dos Apóstolos atestam importantes momentos no caminho da Igreja apostólica chamada ao exercício comunitário de discernimento da vontade do Senhor ressuscitado. O protagonista que guia e orienta esse caminho é o Espírito Santo, derramado sobre a Igreja no dia de Pentecostes (cf. At 2,2-3). Na linha da sinodalidade, os discípulos ouvem o Espírito Santo na escolha dos sete homens de boa reputação, plenos do Espírito e de sabedoria para servir às mesas (cf. At 6,1-6), e no discernimento sobre a crucial questão da missão junto aos gentios (cf. At 10).

Sabemos que este último fato foi tratado no que se chama Concílio Apostólico de Jerusalém (cf. At 15 e Gl 2,1-10). Realiza-se aí um evento sinodal no qual a Igreja apostólica, em um momento decisivo de seu caminho, vive sua vocação à luz da presença do Senhor ressuscitado, em vista da missão. Esse evento, ao longo dos séculos, será interpretado como a figura paradigmática dos sínodos celebrados na Igreja. A assembleia de Antioquia (cf. At 15,25) também marca o caminho da Igreja.

O apóstolo Paulo delinea a sinodalidade ao invocar a imagem da Igreja como Corpo de Cristo, exprimindo seja a unidade do organismo, seja a diversidade de seus membros. Todos gozam da mesma dignidade, em virtude do batismo (cf. Gl 3,28;

1Cor 12,13), e todos devem dar seu contributo para a grandeza da salvação.

É preciso perceber que a sinodalidade se apresenta, por meio da diversidade de lugares, de culturas, de situações e de desafios, como garantia e encarnação da fidelidade criativa da Igreja. A sinodalidade descreve, de forma específica, o caminho histórico da Igreja, enquanto esclarece as estruturas e dá rumo à missão. A própria modalidade, exercitada como caminho eclesial, manifesta em profundidade as dimensões trinitária, antropológica, cristológica, pneumatológica e eucarística do plano divino de salvação que se realiza no mistério da Igreja através dos séculos.

2. CONVERSÃO E SINODALIDADE

Podemos constatar que a sinodalidade tem como meta animar a vida e a missão evangelizadora da Igreja em união com o Senhor Jesus e sob a guia dele, que prometeu: “Onde dois ou três estão unidos em meu nome, eu estou no meio deles” (Mt 18,20); “Eis que estou convosco até o fim dos tempos” (Mt 28,20).

A renovação sinodal da Igreja passa, sem dúvida, pela revitalização das estruturas sinodais, mas se exprime, antes de tudo, na resposta ao gratuito chamado de Deus para viver como seu povo que caminha na história em direção ao seu Reino. História marcada pelo secularismo e pelo pluralismo religioso e cultural. Isso tudo enfatiza a afirmação da individualidade e do afrouxamento dos laços de pertença a gêneros culturais e religiosos. É nesse contexto que a sinodalidade requer constante conversão pastoral e missionária, a qual consiste em uma renovação de mentalidade, de atitudes, de práticas e de estruturas em vista da cada vez maior fidelidade à própria vocação (cf. SÃO JOÃO PAULO II, 2001, p. 298). O modo de ser eclesial plasmado na consciência sinodal

“A SINODALIDADE SE CARACTERIZA PELA COMUNHÃO, E POR ISSO TODOS OS MEMBROS DA IGREJA, SEM EXCEÇÃO, SÃO CHAMADOS A FAZER COM QUE ESTA SE TORNE A CASA E A ESCOLA DA COMUNHÃO.”

acolhe com alegria e promove a graça em virtude da qual todos os batizados estão habilitados e chamados a ser discípulos missionários. O grande desafio atual para a conversão pastoral da vida da Igreja é intensificar a mútua colaboração de todos no testemunho evangelizador a partir dos dons e serviços de cada um, sem clericalizar os leigos nem secularizar o clero. Para verdadeira atuação da sinodalidade, a conversão pastoral exige que alguns paradigmas ainda muito presentes na cultura eclesial sejam separados. Entre estes, a concentração da responsabilidade da missão no ministério dos pastores (bispos, sacerdotes), a insuficiente valorização da vida consagrada e dos dons carismáticos, a ainda frágil apreciação da atual ação específica e qualificada dos fiéis leigos, particularmente das mulheres.

Está claro que a sinodalidade se caracteriza pela comunhão, e, por isso, todos os membros da Igreja, sem exceção, são chamados a fazer com que esta se torne a casa e a escola da comunhão. Sem a conversão do coração e da mente e sem uma disponibilidade ascética para o acolhimento e para a escuta recíproca, muito pouco adiantarão os instrumentos externos da comunhão, que se transformarão, sem dúvida, em máscaras sem coração e sem rosto.

O impacto do fator urbano – que favorece o pluralismo religioso e a secularização – sobre a vivência da fé e sobre a ação pastoral é imenso, e tal situação muitas vezes dificulta a visibilidade e a vivência da sinodalidade eclesial. Se a ação eclesial não estiver sempre fundada e centrada na graça de Deus, não haverá instrumental pastoral capaz de atingir o homem urbano, nem

mesmo o ativismo pastoral resolverá. O *Documento de Aparecida*, vendo exatamente esse contexto adverso, mostra que o avanço da cultura urbana e outros fenômenos causam enorme impacto na fé e em sua prática pelos fiéis. A Igreja já não pode esperar; é preciso avançar em todos os sentidos. Sobre tudo hoje, mais do que nunca, o testemunho de comunhão eclesial e santidade é uma urgência pastoral.

Devido às dificuldades encontradas na pastoral ao enfrentar contextos que rebaixam o conteúdo da evangelização, faz-se necessário distinguir melhor o conteúdo da evangelização dos métodos para concretizar a ação pastoral. A falta de equilíbrio entre conteúdo e método gera um ativismo religioso, ocasionando o desinteresse pelo conteúdo tanto da parte do emissor como da do receptor, pois o ministério pastoral é instrumento e canal, o evangelho é a fonte. Disso decorre que o mais importante não é realizar ações, mas evangelizar por meio delas. Se o ministério pastoral não fizer presente Jesus Cristo e sua práxis, não é evangelizador e não merece o qualificativo de pastoral (cf. VALADEZ FUENTES, 2008, p. 22).

Os sínodos, sobretudo os diocesanos, têm buscado exatamente isto: constatar até que ponto a mensagem de Cristo, por meio da Igreja católica, alcança os católicos e quais os métodos mais usuais, bem como as lacunas e os pontos fortes da evangelização. A Igreja de São Paulo já se encontra no terceiro ano do seu sínodo arquidiocesano. Em 2018, foi feita uma pesquisa de campo em todas as 295 paróquias territoriais da arquidiocese; o resultado foi muito significativo e ajudou a arquidiocese a constatar quanto já cami-

nhou e também o muito que tem para realizar. Um dos dados da pesquisa mostra que o povo, em geral, continua religioso em meio a um contexto multifacetado. As paróquias são bem reconhecidas, mas necessitam de séria conversão em suas estruturas e modo de ser para ultrapassar a característica de prestadoras de serviços. A santa missa continua sendo o principal elo entre os católicos e fonte de formação para eles, não obstante um dado alarmante: apenas 5% dos católicos da cidade de São Paulo frequentam regularmente a santa missa todos os domingos. Outros 25% frequentam de vez em quando, nas grandes festas ou em alguma ocasião especial, como falecimentos e casamentos. Portanto, cerca de 30% dos católicos de São Paulo frequentam a missa. E quanto aos outros 70%? Entre tantos outros dados, este levanta séria preocupação em relação aos católicos que frequentam pouco ou absolutamente não frequentam a missa dominical, os quais são a grande maioria. Por onde recebem eles o sustento e o cultivo da sua fé, o alimento da Palavra de Deus, o testemunho dos irmãos? (cf. SCHERER, 2019).

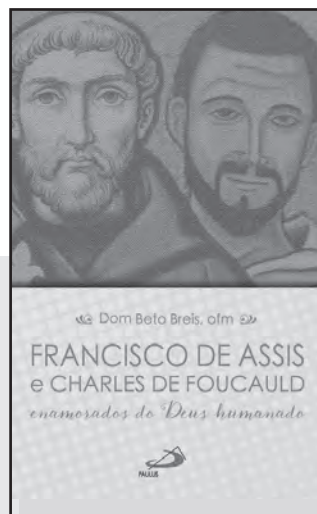
Outro fator preocupante, que impede a sinodalidade de se manifestar, é a falta de formação permanente dos fiéis cristãos. Em geral, os católicos são instruídos pela missa aos domingos, como a pesquisa mostra. Isso significa que a conversão pastoral e a renovação missionária das paróquias se fazem urgentes, como aponta o *Documento de Aparecida*:

Esta firme decisão missionária deve impregnar todas as estruturas eclesiais e todos os planos pastorais de dioceses, paróquias, comunidades religiosas, movimentos e qualquer instituição da Igreja. Nenhuma comunidade deve isentar-se de entrar decididamente, com todas as forças, nos processos constantes de renovação missionária e

Francisco de Assis e Charles de Foucauld

Enamorados do Deus humanado

Dom Beto Breis, ofm



168 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Dois homens de tempos distantes, mas que se aproximam de modo extraordinário por um encanto comum: o fascínio pelo mistério da encarnação. Neste livro, Dom Beto Breis, à luz dos escritos de Francisco de Assis e Charles de Foucauld, mostra como ambos têm muito a dizer aos homens e mulheres do nosso tempo, sedentos das fontes genuínas do Evangelho e daquele encontro decisivo e vital que, como afirmou o Papa Francisco, “enche o coração e a vida inteira”.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

“O PAPA FRANCISCO, AO AFIRMAR QUE O CAMINHO DA SINODALIDADE É O CAMINHO QUE DEUS ESPERA DA IGREJA NO TERCEIRO MILÊNIO, PROPÕE-NOS UM EMPENHO PROGRAMÁTICO TEOLÓGICO-PASTORAL SEM PRECEDENTES.”

de abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé (CELAM, 2007, n. 365).

O sínodo em São Paulo tem mostrado essa realidade a ser modificada, mas também a necessidade de conversão pessoal, e não apenas estrutural e estratégica:

Os bispos, presbíteros, diáconos permanentes, consagrados e consagradas, leigos e leigas, são chamados a assumir atitudes de permanente conversão pastoral, que implica escutar com atenção e discernir o que o Espírito está dizendo às Igrejas através dos sinais dos tempos em que Deus se manifesta (CELAM, 2007, n. 366).

2.1. Espiritualidade pastoral e sinodalidade

A sinodalidade supõe o fator comunhão para que a ação eclesial seja eficaz, sobretudo nas grandes cidades, ou seja, no meio urbano, produto de diferentes periferias geográficas e existenciais. Não sem esforço se desenvolveu uma teologia da pastoral nas grandes cidades.

Por isso, não só no tempo presente, como também em épocas anteriores, a Igreja, no âmbito diocesano nacional, criou uma ação pastoral abundante que, pelo número e rapidez, já poderia ter atendido ao desafio urbano e não estar agora sem saber exatamente o que fazer, em virtude do fluxo célere e ininterrupto das mudanças. É certo que não se trata de assumir uma atitude de desespero, cruzar os braços ou, o que seria pior, retroceder e achar que o mais seguro é agir como a Igreja agia antigamente, demonstrando uma alienação sem fim.

Na busca de caminhar juntos, marcados pela sinodalidade, e exatamente pelo fator

urbano, com todas as suas características, temos, em nossas pastorais, nos apoiado mais em uma atividade asfixiante e em alguns modelos rígidos de programação e de planos de pastoral que, embora, sem dúvida, contenham muitas verdades e sejam tecnicamente bem elaborados, roubam “o espaço do Espírito do Senhor, levando-nos a um absurdo: estamos tão ocupados com a vinha do Senhor que nos esquecemos do Senhor da vinha” (VALADEZ FUENTES, 2008, p. 24).

Essa afirmação tem sua razão de ser, pois as exigências são tantas, que nossas reuniões pastorais quase não dão oportunidade para um momento forte de reflexão sobre a Palavra de Deus, de escuta do que o Espírito Santo tem a nos dizer. Esse aspecto fundamental de nossos encontros vai sendo remetido para outra ocasião. A falta de espiritualidade em nossa pastoral e encontros é notória, tanto que em 2018, no segundo ano do sínodo arquidiocesano, o clero da Arquidiocese de São Paulo afirmou que suas reuniões mensais haviam se tornado demasiadamente técnicas, sem preocupação séria com a base sustentável de suas ações, que são a Sagrada Escritura, o testemunho dos irmãos e irmãs e, sobretudo, Jesus Bom Pastor, fonte primordial da espiritualidade pastoral.

A ação pastoral é, por certo, constituída por um conjunto de atividades concretas, tarefas ou serviços que a comunidade eclesial e cada agente de pastoral – sejam eles ministros ordenados (bispos, presbíteros e diáconos permanentes), religiosos e religiosas ou fiéis leigos – realizam em favor das pessoas. A sinodalidade, contudo, ao exigir o caminhar juntos na vivência do evangelho para que a pastoral seja eficaz, demonstra que a experiência de Deus constitui o

fundamento último tanto da ação pastoral como da espiritualidade que a sustenta. Sem essa experiência, os agentes de pastoral – seja qual for seu grau de importância e responsabilidade na Igreja – não conseguem fazer brotar as opções, os valores e as atitudes que dão dinamismo ao agir pastoral.

Concluindo, podemos dizer que a experiência de Deus sedimenta toda e qualquer ação, e leva os agentes a serem testemunhas fiéis de Cristo. Ao mesmo tempo, tornam-se pessoas de profunda vida de oração, impregnadas pelos dons do Espírito, e revelam-se sinais e instrumentos de sinodalidade e comunhão, pois beberam da fonte principal da espiritualidade pastoral que é Jesus, o Bom Pastor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O papa Francisco, ao afirmar que o caminho da sinodalidade é o caminho que Deus espera da Igreja no terceiro milênio, propõe-nos um empenho programático teológico-pastoral sem precedentes.

A sinodalidade, de fato, é dimensão constitutiva da Igreja, mas necessita de séria reflexão sobre seus fundamentos teológicos. Desde os tempos da Igreja primitiva, foram realizados muitos concílios e sínodos, como expressões da sinodalidade inerente ao ser e à missão da Igreja. O embasamento na Escritura, na Tradição e na história atesta como a Igreja perseverou no caminho da unidade e da comunhão – marcas da sinodalidade – em meio à diversidade de lugares, de culturas, de situações e dos tempos, e também das diferentes concepções de Igreja.

A sinodalidade, desde o início, caracterizou-se como garantia e encarnação da fidelidade criativa da Igreja ao seu Mestre, Jesus. O mais surpreendente é que essa fidelidade sinodal se manifesta em uma forma que é unitária na sua substância, mas distinta em suas configurações, em função dos diversos momentos eclesiais e histó-

ricos e do diálogo com as diferentes culturas e situações sociais. Já não é possível à Igreja, tanto no seu ser como no seu agir, desconhecer as riquezas dos tempos atuais e também seus desafios, como a secularização e o pluralismo religioso. Por isso, é imprescindível que cada uma de nossas dioceses se disponha a permanecer sempre em estado de alerta, isto é, com os cintos amarrados e com o cajado na mão, em atitude de estar a caminho (sínodo) e em saída. Assim será possível superar uma pastoral de conservação, de ativismo, de medo do novo, de retrocesso a métodos antiquados, e buscar caminhos pastorais novos para responder aos constantes desafios que se apresentam.

Não nos assustemos: males e dificuldades serão sempre lamentados em qualquer etapa da história. A Igreja viveu etapas incomparavelmente mais difíceis que a atual. Nos tempos que correm, o sínodo se apresenta não como novidade ou modismo, mas como necessidade e parte integrante do ser e do agir eclesiais. Ninguém tem o direito de dizer que o sínodo não lhe diz respeito. Pelo contrário, ou estamos com Cristo e sua Igreja na verdade e no compromisso, ou renegamos nosso batismo. O princípio da sinodalidade nos ajuda, por meio do discernimento no Espírito, a reconhecer a situação pastoral em que nos encontramos e proporciona uma reflexão e decisão sobre a situação que queremos alcançar.

Sinodalidade e conversão pastoral não podem ser assumidas separadamente, pois na sinodalidade encontramos a unidade e a comunhão de todos os batizados e a conversão pastoral é a mola propulsora para o dinamismo do Povo de Deus, que, revendo constantemente sua ação, sob o impulso do Espírito Santo, se faz presente em todas as circunstâncias. Sinodalidade e conversão pastoral correspondem à dupla vertente do amor: a Deus e ao próximo.

vp

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CÓDIGO de Direito Canônico. Cân. 439, 1; 440, 1; 337, 1; 342; 460. Disponível em: <<https://domtotal.com/direito/pagina/detalhe/31867/codigo-de-direito-canonical#ancora-158>>. Acesso em: 16 ago. 2019.
- CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Constituição Dogmática Dei Verbum sobre a revelação divina*. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651118_dei-verbum_po.html>. Acesso em: 16 ago. 2019.
- _____. *Constituição Sacrosanctum Concilium sobre a sagrada liturgia*. Disponível em: <http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html>. Acesso em: 16 ago. 2019.
- CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. *Carta aos bispos da Igreja católica sobre alguns aspectos da Igreja entendida como comunhão*, 28 mai. 1992. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_28051992_communionis-notio_po.html>. Acesso em: 16 ago. 2019.
- CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe*. Brasília; São Paulo: CNBB; Paulinas; Paulus, 2007.
- FRANCISCO, Papa. *Discurso do santo padre Francisco: comemoração do cinquentenário da instituição do Sínodo dos Bispos*, 17 out. 2015. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html>. Acesso em: 16 ago. 2019.
- _____. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do evangelho no mundo atual*, 2013. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html>. Acesso em: 16 ago. 2019.
- JOÃO PAULO II, São. *Carta apostólica Novo Millennio Ineunte*, 2001. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte.html>. Acesso em: 19 ago. 2019.
- SCHERER, Dom Odilo Pedro. *Quantos vão à missa? O São Paulo*, São Paulo, edição 3.253, 19 jun. 2019. Disponível em: <<http://www.osaopaulo.org.br/colunas/quantos-va-a-missa>>. Acesso em: 16 ago. 2019.
- SÍNODO ARQUIDIOCESANO DE SÃO PAULO, 2018-2020. *Pesquisas sobre a vida e a ação pastoral da Arquidiocese de São Paulo*. São Paulo: Educ, 2019.
- VALADEZ FUENTES, Salvador. *Espiritualidade pastoral: como superar uma pastoral “sem alma”?* São Paulo: Paulinas, 2008.



160 págs.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011
paulus.com.br

**A vivência quaresmal e a vida nova em Cristo –
Tempo de colher os frutos | Tempo de partilhar os frutos**

Iniciação cristã com adultos, de inspiração catecumenal

Província Eclesiástica de Pousos Alegre–MG

Este volume da coleção Viver em Cristo traz indicações para quem, por ter acreditado na semente, venceu as dificuldades inerentes a qualquer cultivo e agora “volta com júbilo de alegria”, trazendo nos braços os frutos da colheita e se dispondo a partilhá-los. É “tempo de colher”, “tempo de partilhar”, e de ver realizado o que canta o poeta: “Renova-se a esperança. Nova aurora a cada dia. E há que se cuidar do broto, para que a vida dê flor e fruto”.

Francisco e o pluralismo religioso



O papa Francisco tem assumido o protagonismo neste século XXI, diante de um mundo que avança perigosamente para os nacionalismos mortíferos e para os fundamentalismos. A grande riqueza de seu pensamento está em defender o desafio dialógico, o respeito à consciência e o direito ao pluralismo religioso, como expressões de um jeito novo de evangelizar pontuado pelo testemunho, pela solidariedade e pela acolhida.

*Faustino Teixeira é professor convidado do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora (MG). É pesquisador do CNPq. Dentre suas linhas de pesquisa, destacam-se: teologia das religiões, diálogo inter-religioso e mística comparada das religiões. É autor de vários livros, entre os quais *Buscadores cristãos no diálogo com o islã*, publicado pela Paulus. E-mail: flcteixeira@icloud.com

INTRODUÇÃO

O pluralismo religioso emerge hoje como uma das questões mais essenciais do século XXI. Não há como pensar nosso tempo fora desse desafio fundamental, que insere as pessoas num novo campo de relação, envolvendo a consciência num jeit-

to peculiar de lidar com o outro e com as espécies companheiras. A teologia se deu conta da importância desse tema, situando-o como o novo horizonte da reflexão e entendendo-o como algo que “corresponde a uma vontade misteriosa de Deus”

“O PLURALISMO PROVOCA TEMOR, INQUIETAÇÃO E INSEGURANÇA, NA MEDIDA EM QUE ENFRAQUECE AS CONVICÇÕES PETRIFICADAS E ABRE UM HORIZONTE NOVIDADEIRO DE ESCOLHAS.”

(GEFFRÉ, 2004, p. 135). São inúmeros os caminhos que levam ao mistério maior, e nem sempre são caminhos religiosos, mas também seculares, e todos são situados num mesmo abraço misericordioso. Eis por que se fala com maior pertinência, em nosso tempo, em diálogo interconvicções, um modo mais apropriado de lidar com um tempo que é secular e plural. É bonito compreender o mundo com esse olhar plural, de “existir numa situação em aberto” (OZ, 2017, p. 45), reconhecendo a riqueza de uma vida compartilhada em liberdade. Esse traço de multiplicidade certamente concorre “para uma melhor manifestação da plenitude inesgotável do Espírito de Deus” (GEFFRÉ, 2004, p. 138).

1. UM TEMPO DIFÍCIL

Esse desafio plural ainda permanece em aberto, na medida em que o século XXI sofre as sequelas de um período doloroso da história humana, marcado por tantas obscuridades e violências. Como apontou com razão o historiador inglês Eric Hobsbawm, o século XX terminou num “estado de inquietação”, sendo “o século mais assassino” de que se tem registro, tanto na frequência e extensão das guerras como no volume impressionante de catástrofes diversificadas, envolvendo igualmente a violência com a Terra (HOBSBAWM, 1995, p. 22). E o século XXI vai pelo mesmo caminho crepuscular e sombrio (HOBSBAWM, 2002, p. 448).

Entre as ameaças presentes neste tempo, situa-se o crescimento considerável dos fundamentalismos e fanatismos, que brilham neste período de afirmação ra-

dical do pensamento identitário e xenófobo. Assiste-se com preocupação ao revigoramento de “guerras religiosas” relacionadas com esse retorno preocupante de novos fundamentalismos religiosos (HOBSBAWM, 2007, p. 128). Trata-se de algo que sensibiliza sobremaneira o papa Francisco, o qual fala em “ecumenismo do ódio” (POLITI, 2019, p. 53), bem como de extremismos intolerantes que espocam por todo lado, sinalizando a presença de uma “terceira guerra mundial aos pedaços” (FRANCISCO; AL-TAYYEB, 2019).

O mais triste é perceber que esse fanatismo já começa em casa, expandindo-se vigorosamente por outros espaços. São movimentos que crescem afirmando certezas, diante do risco ameaçador de uma sociedade plural. O pluralismo provoca temor, inquietação e insegurança, na medida em que enfraquece as convicções petrificadas e abre um horizonte novidadeiro de escolhas (BERGER, 2017, p. 33.52). Os fundamentalistas temem isso e reagem com vigor e violência, na busca de “proteção” da comunidade. E o que mais preocupa, no tempo atual, é a ação fundamentalista liberada. Os fanáticos atuam “com o rosto descoberto, quase com orgulho”. É como se enfraquecesse o efeito parcial da vacina contra a anterior presença nazifascista e os novos fanáticos recobrassem vigor na luz do dia (ARIAS, 2019).

Essa nova sede de comunidade, de busca de mônadas protegidas e isoladas, é também um fenômeno de nosso tempo. A identidade, como lembra com acerto Zygmunt Bauman, é a “palavra do dia e o jogo mais comum da cidade”

(BAUMAN, 2003, p. 20), e ela grugueja com muito som e fúria, com violência e sangue. A cada esquina surgem novas fronteiras que demarcam a proteção comunitária. Na comunidade protegida, os indivíduos encontram um lugar “cálido” e “aconchegante”, que fornece proteção contra a “chuva pesada” que acompanha o mundo plural.

2. FRANCISCO EM ROTA DE CONTRAMÃO

O papa Francisco emerge, assim, neste tempo difícil, com uma linguagem e prática inovadoras, que trazem “tumulto” às consciências acomodadas. Sua proposta não é a fixação identitária, mas de saída, de compromisso e solidariedade. Por isso perturba a tantos e provoca resistências que a cada dia crescem, mesmo dentro do cenário eclesial. Ele rompe com o discurso tradicional da Igreja católica e traz um desafio novo: “deixar-se surpreender por Deus” (FRANCISCO, 2013a, p. 24). Seu discurso é pontuado pela abertura ao secular e pelo diálogo com o tempo e as religiões, bem como com todo o cosmos. Traz na sua vida e testemunho a marca da coragem e da ousadia. A ele não interessa o proselitismo tradicional, mas a defesa intransigente da consciência, em linha de continuidade com o que há de mais arrojado no Concílio Vaticano II. O proselitismo para ele é um “pecado” problemático, pois fere o direito da consciência (FRANCESCO; SPADARO, 2017, p. 162; FRANCESCO; SCALFARI, 2013, p. 55). O Deus que ele proclama é um Deus que surpreende, acolhedor e misericordioso. Não é um “Deus católico”, mas um Deus que vem colorido pela diversidade (FRANCESCO; SCALFARI, 2013, p. 68). É um Deus que acolhe com doçura e gratuidade a pluralidade. A ele ninguém pode apreender com certeza cerrada ou total, pois ele é dom que advém a cada

momento e de forma surpreendente. Não pode haver “prova” de Deus, e nenhuma religião ou crença é portadora de sua verdade. Ele é alguém que escapa a qualquer convicção. Em entrevista ao padre Antonio Spadaro, Francisco foi claro:

Se alguém tem a resposta a todas as perguntas, esta é a prova de que Deus não está com ele. Quer dizer que é um falso profeta, que usa a religião para si próprio. Os grandes guias do povo de Deus, como Moisés, sempre deixaram espaço para a dúvida. Devemos deixar espaço ao Senhor, não às nossas certezas (FRANCISCO, 2013c, p. 27-28).

O caminho para entender a proposta evangelizadora de Francisco só se descortina para aquele que tem humildade. Ele diz com tranquilidade: “Devemos deixar espaço ao Senhor, não às nossas certezas. É necessário ser humilde” (FRANCISCO, 2013c, p. 28). O traço de seu projeto transborda gratuidade, como expressou de forma tão singela às crianças que se preocupavam com o destino de seus parentes não católicos. Numa resposta a um jovem chinês de 13 anos, Ivan, preocupado com seu avô, Francisco afirmou com clareza: “Jesus nos ama muitíssimo e quer que todos vamos para o céu. A vontade de Deus é que todos nos salvemos” (FRANCISCO, 2016, p. 19; POLITI, 2019, p. 3-6).

3. O PLURALISMO COMO UM VALOR IRREVOGÁVEL

Em momento de grande felicidade, em sua exortação apostólica sobre a alegria do evangelho, Francisco sublinhou que “a diversidade é bela” (EG 230). Não era uma expressão qualquer, mas algo que provinha do mais íntimo da alma, uma convicção arraigada na dinâmica de seu

“EM UM EXEMPLO BONITO, EXPRESSO NO DIÁLOGO COM OS JUDEUS E EM SINTONIA COM JOÃO PAULO II, O PAPA FRANCISCO RECORDA QUE ‘A ALIANÇA COM DEUS NUNCA FOI REVOGADA.’”

pontificado. Francisco tem plena consciência de que o pluralismo não é um mal, mas algo de profundo e bonito, que advém do querer mais sagrado de Deus. O pluralismo é, sobretudo, um valor sagrado. No recente documento sobre a fraternidade humana, assinado por Francisco e o grão-ímã de Al-Azhar, Ahmad Al-Tayyeb, assinala-se que

a liberdade é um direito de toda pessoa: cada um goza da liberdade de credo, de pensamento, de expressão e ação. O pluralismo e as diversidades de religião, de cor, de sexo, de raça e de língua fazem parte daquele sábio desígnio divino com que Deus criou os seres humanos (FRANCISCO; AL-TAYYEB, 2019).

Em um exemplo bonito, expresso no diálogo com os judeus e em sintonia com João Paulo II, o papa Francisco recorda que “a Aliança com Deus nunca foi revogada” (FRANCISCO, 2013b, p. 138 – EG 247). Algo semelhante tinha dito João Paulo II aos representantes da comunidade judaica de Roma, em abril de 1986, quando assinalou que os judeus são portadores de uma “vocação irrevogável” (PCDI, 1994, p. 395). Era o passo que preparava a consciência de abertura da Igreja católica ao pluralismo religioso. Assim como o judaísmo, as religiões são igualmente portadoras de um patrimônio irrevogável. Sábia é a percepção do Talmude, em sua vocação hermenêutica e sua explosiva leitura da palavra do Senhor: “Palavra de uns e de outros, palavras do Deus vivo” (QUAKNIN, 2001, p. 64; OZ, 2017, p. 66).

O novo logotipo dessa busca de paz é o ramo de oliveira, como indicou Francisco em seu discurso no importante encontro inter-religioso de Abu Dhabi, em fevereiro de 2019 (FRANCISCO, 2019a). Ele explica essa simbologia:

Segundo a narração bíblica, para preservar a humanidade da destruição, Deus pede a Noé para entrar na arca com sua família. Hoje também nós, em nome de Deus, para salvaguardar a paz, precisamos entrar juntos, como uma única família, numa arca que possa sulcar os mares tempestuosos do mundo: a arca da fraternidade (FRANCISCO, 2019a).

Nesse mesmo encontro, Francisco fala da importância atual de uma “coragem da alteridade”, para além dos fundamentalismos e afirmações identitárias. Este é o desafio maior: um “diálogo diário e efetivo” que, sem desconhecer o essencial valor das convicções, possa igualmente acontecer na abertura plural e no “pleno reconhecimento do outro” e da sua liberdade (FRANCISCO, 2019a). O caminho que se apresenta é o da abertura à pluralidade religiosa, que convoca à “coragem da alteridade”, e não se confunde nem com a “uniformidade forçada” nem com o “sincretismo conciliador”.

4. O CAMINHO DO DIÁLOGO E DA ACOLHIDA DA ALTERIDADE

Em seu encontro com os núcleos intelectuais e dirigentes do Brasil no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em julho de 2013, o papa Francisco falou com vivacidade acerca de sua convicção

sobre uma “cultura do encontro”. De forma expressiva, sublinhou que, quando os líderes de diferentes setores lhe pedem um conselho, a resposta é sempre a mesma: “Diálogo, diálogo, diálogo” (FRANCISCO, 2013a, p. 82-83). Para essa disposição essencial, requer-se muita humildade, bem como uma atitude permanente de abertura e disponibilidade, longe de qualquer preconceito. E esse diálogo não é só com as religiões, mas também com as espiritualidades. O que é mais essencial é a “obediência à própria consciência”. É um diálogo que se abre a todos aqueles de “boa vontade”, que têm uma “alma nobre”, para utilizar aqui uma expressão cara ao compositor e cantor Gilberto Gil. O diálogo requer profundo respeito “aos caminhos misteriosos de Deus no coração das pessoas” (GEFFRÉ, 2004, p. 176). Diz Francisco em seu diálogo com Eugenio Scalfari: “o mundo vem percorrido por estradas que nos avizinham e distanciam, mas o importante é que nos levem ao Bem” (FRANCESCO; SCALFARI, 2013, p. 55; POLITI, 2019, p. 9). Esse imprescindível caminho dialogal não é simples, mas requer “paciência, ascese e generosidade” (FRANCISCO, 2015, p. 161 – LS 201).

Não há como julgar o outro com clareza e respeito senão mediante um novo olhar, pontuado pela acolhida e largueza (GEERTZ, 2001, p. 85). Esse aprendizado, que vem da antropologia, deve regar o mundo da teologia e da pastoral, sobretudo no caso daqueles que buscam se dedicar ao diálogo. Falando aos teólogos da Pontifícia Faculdade Teológica da Itália Meridional, em Nápoles, em junho de 2019, o papa Francisco discorreu sobre uma “teologia da acolhida”, uma “teologia em rede”, solidária “com todos os naufragos da história” (FRANCESCO,

Os jovens, a fé e o discernimento vocacional

Papa Francisco e Sínodo dos Bispos



72págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Os jovens, a fé e o discernimento vocacional, com apresentação do Papa Francisco e redação do Sínodo dos Bispos, foi o Documento Final da XV Assembleia do Sínodo dos Bispos, realizada em outubro de 2018, momento no qual a Igreja decidiu refletir sobre “como acompanhar os jovens para reconhecer e acolher o chamado ao amor e à vida em plenitude”.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

2019b). Com base em sua bela imagem de uma Igreja “em saída”, Francisco tem advertido sempre contra o risco de domesticar as fronteiras. Há que abraçar e acolher com carinho e abertura as diferenças. Ele adverte contra o risco do fechamento nas mônadas peculiares. Há que ter a audácia de “viver nas fronteiras” e deixar-se transformar por elas (FRANCESCO; SPADARO, 2017, p. 71-72).

CONCLUSÃO

O desafio maior de construir pontes é o que marca o pontificado de Francisco. No coração de todo o seu empenho evangelizador está o diálogo. Aliás, a ideia que move Francisco nessa missão é a que bem definiu Paulo VI na exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi*, sobre a evangelização no mundo contemporâneo (1975), identificando-a como um compromisso de “tornar nova a própria humanidade” (EN 18). O modo mais bonito de amar a Deus, diz Francisco, é o que ocorre no caminho do ágape, do amor. Este é que situa o ser humano diante do núcleo da pregação de Jesus. O amor aos outros “é o único modo de

amar a Deus”, aquele que “Jesus indicou para encontrar o caminho da salvação e das bem-aventuranças” (FRANCESCO; SCALFARI, 2013, p. 56).

Com a notável carta encíclica sobre o cuidado da casa comum, *Laudato Si'* (2015), Francisco expande a sensibilidade dialógica para toda a criação, animado por uma reverência essencial à vida em todas as suas formas de expressão: os humanos, as espécies companheiras e toda a criação. É o grande salto de Francisco para o Mistério sempre maior, capaz de perceber o rosto de Deus numa “folha, em uma vereda, no orvalho, no rosto do pobre” (FRANCISCO, 2015, p. 184 – LS 233). Tudo é vida e mistério, tudo necessita de cuidado reverencial. E todos esses seres queridos por Deus estão estreitamente interligados (FRANCISCO, 2015, p. 15 – LS 16). O que se requer como pista fundamental de uma nova espiritualidade da criação é a disponibilidade para ouvir cada movimento e som deste mundo, como expressou o mestre espiritual Ali Al-Khawwas, citado pelo papa em nota da *Laudato Si'* (FRANCISCO, 2015, p. 184, nota 159 – LS 233).

vp

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARIAS, Juan. Radiografia do fanático “que só sabe contar até um”. *El País* – Brasil, São Paulo, 28 jun. 2019. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/28/opinion/1561729358_471944.html>. Acesso em: 30 jun. 2019.
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca de segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BERGER, Peter L. *Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista*. Petrópolis: Vozes, 2017.
- FRANCISCO, Papa. *Palavras do papa Francisco no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 2013a.
- _____. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013b.

- _____. *Entrevista exclusiva ao pe. Spadaro*. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013c.
- _____. *Carta encíclica Laudato Si' sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- _____. *Querido papa Francisco: o papa responde às cartas de crianças do mundo todo*. São Paulo: Loyola, 2016.
- _____. *Discurso do santo padre: encontro inter-religioso. Founder's Memorial (Abu Dhabi)*, 4 fev. 2019a. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/february/documents/papa-francesco_20190204_emiratarabi-incontrointerreligioso.html>. Acesso em: 30 jun. 2019.
- _____. *Discurso do santo padre: visita do papa Francisco a Nápoles, por ocasião do Simpósio “A teologia depois da Veritatis Gaudium no contexto do Mediterrâneo”*, 21 jun. 2019b. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/june/documents/papa-francesco_20190621_teologia-napoli.html>. Acesso em: 21 jun. 2019.
- _____; AL-TAYYEB, Ahmad (grande-imã de Al-Azhar). *Documento sobre a fraternidade humana em prol da paz mundial e da convivência comum: viagem apostólica do papa Francisco aos Emirados Árabes*, 4 fev. 2019. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/travels/2019/outside/documents/papa-francesco_20190204_documento-fratellanza-umana.html>. Acesso em: 30 jun. 2019.
- FRANCESCO, Papa; SCALFARI, Eugenio. *Dialogo tra credenti e non credenti*. Milano: Einaudi; La Repubblica, 2013.
- _____; SPADARO, Antonio. *Adesso fate le vostre domande: conversazioni sulla chiesa e sul mondo di domani*. Milano: Rizzoli, 2017.
- GEERTZ, Clifford. *Nova luz sobre a antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- GEFFRÉ, Claude. *Crer e interpretar: a virada hermenêutica da teologia*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- HOBSBAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. *Tempos interessantes: uma vida no século XX*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- _____. *Globalização, democracia e terrorismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- OZ, Amós. *Mais uma luz: fanatismo, fé e convivência no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- PAULO VI, São. *Exortação apostólica Evangelii Nuntiandi sobre a evangelização no mundo contemporâneo*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1976.
- POLITI, Marco. *La solitudine di Francesco: un papa profetico, una chiesa in tempesta*. Bari-Roma: Laterza, 2019.
- PONTIFICIO CONSIGLIO PER IL DIALOGO INTERRELIGIOSO (PCDI). *Il dialogo interreligioso nel magistero pontificio: documenti 1963-1993*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1994.
- QUAKNIN, Marc-Alain. *O Deus dos judeus*. In: BOTTÉRO, Jean; QUAKNIN, Marc-Alain; MOINGT, Joseph. *A mais bela história de Deus*. Rio de Janeiro: Difel, 2001.

PAPA FRANCISCO E OS POBRES

Trata-se de breve reflexão sobre o papa Francisco e os pobres. São destacados alguns temas fundamentais para a vida cristã, interligando-os à realidade dos pobres, como a fé, a Igreja em saída, o evangelho, a casa comum e a missão cristã.

Entrementes, almeja-se aguçar o pensamento para focar a dimensão dos preferidos de Jesus Cristo à luz da reflexão do papa Francisco, no intuito de perceber que esta é, fundamentalmente, uma missão para todos os tempos.

*Pe. Elcio A. Cordeiro possui graduação em Teologia pela Faculdade Missioneira do Paraná – Famipar, licenciatura em Filosofia pela Faculdade Entre Rios do Piauí – Faerpi, pós-graduação em Metodologia do Ensino de Filosofia e Sociologia pela Universidade Cândido Mendes e pós-graduação em Ensino de Filosofia pela mesma universidade. Atualmente é mestrando em Educação na Universidade do Oeste do Paraná – Unioeste-FB, onde participa do Grupo de Estudos: Sociedade, Trabalho e Educação – GESTE. É reitor do Seminário São João Maria Vianney, em Palmas-PR. E-mail: elcio.cordeiro@bol.com.br



Papa Francisco, um nome nunca visto na história dos papas. Identificado com a rua, com os pobres, com os sapatos pretos... uma vida simples. Sua família, de migrantes italianos, instalou-se em Buenos Aires e dali jamais saiu. Na escola, Jorge comportou-se como “suficiente” – era o conceito que se dava na época. Entre o gosto pela literatura, pela química e pela medicina, decidiu entrar para o seminário para estudar “medicina da alma” (HIMITIAN, 2013).

Sempre se mostrou de fácil amizade, simples, não se destacava entre os demais, era mediano. A primeira grande decisão de sua vida foi o ingresso no seminário: “Naquela tarde de 1957 a vida de Jorge Bergoglio mudou para sempre. Tinha decidido se tornar sacerdote e comunicou isso aos amigos em um velho casarão do bairro de Flores, entre a Carabobo e a Alberdi” (HIMITIAN, 2013, p. 26).

Discreto, mas assíduo na missão, o padre, o bispo, o arcebispo jamais deixou de estar entre os mais pobres. O primeiro papa latino-americano, o primeiro papa a escolher para si o nome de Francisco, o 266º papa na história da Igreja católica, continuou ao lado dos mais pobres, como sempre fizera em sua vida.

Desde o início de seu pontificado, Francisco tem destacado a ideia de que a Igreja necessita abrir-se às realidades sofridas, ir em busca dos mais pobres. Existe grande esforço para resgatar qualidades e características da Igreja primitiva, bem como valores, pensamentos, atitudes e ações inerentes ao bem comum e à busca de vida digna para todos. Entre vários conselhos, o papa Francisco incita os cristãos a estarem atentos a uma fé segura em Jesus Cristo:

A convicção de uma fé que faz grande e plena a vida, centrada em Cristo e



na força de sua graça, animava a missão dos primeiros cristãos. [...]. Para aqueles cristãos, a fé, enquanto encontro com o Deus vivo que se manifestou em Cristo, era uma “mãe”, porque os fazia vir à luz, gerava neles a vida divina, uma nova experiência, pela qual estavam prontos a dar testemunho público até o fim (FRANCISCO, 2013a, p. 8).

Sobre a dimensão da fé, Francisco destaca o sentido comunitário e social à luz da qual ela precisa ser vista/entendida:

Por isso, a fé é um bem para todos, um bem comum: a sua luz não ilumina apenas o âmbito da Igreja nem serve somente para construir uma cidade eterna no além, mas ajuda também a construir as nossas sociedades de modo

que caminhem para um futuro de esperança (FRANCISCO, 2013a, p. 70).

Nas relações humanas, a fé se faz e se sente, está presente com solidez no esforço concreto de todos os cristãos. Ela deve estar ligada ao contexto em que se vive, não distante, mas próximo: “A luz da fé não nos faz esquecer os sofrimentos do mundo. Os que sofrem foram mediadores de luz para tantos homens e mulheres de fé; tal foi o leproso para São Francisco de Assis, ou os pobres para a Beata Teresa de Calcutá” (FRANCISCO, 2013a, p. 78).

O papa Francisco, frequentemente, chama os cristãos a olhar para a realidade da fé à luz dos pobres:

Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros, já não entram os pobres,

“ESCUTAR O CLAMOR PELA JUSTIÇA VINDO DO EVANGELHO
NOS IMPULSIONA A ENCONTRAR O ROSTO DO OUTRO E DAR-LHE VIDA.
MAIS QUE GARANTIR COMIDA, ISSO SIGNIFICA EMANCIPÁ-LO.”

já não se ouve a voz de Deus, já não se goza da doce alegria do seu amor, nem fervilha o entusiasmo de fazer o bem. Este é um risco, certo e permanente, que correm também os crentes (FRANCISCO, 2013b, p. 4).

Os cristãos são instigados a viver na partilha, sem excluir ninguém, sendo atrativos pelo testemunho: “Com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até a humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo” (FRANCISCO, 2013b, p. 22).

Constantemente, o papa do povo chama a Igreja para tomar para si o desejo de ir ao encontro dos mais pobres, falando em uma linguagem simples de “Igreja em saída” diante da realidade contemporânea:¹

A Igreja “em saída” é uma Igreja com as portas abertas. Sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas não significa correr pelo mundo sem direção nem sentido. Muitas vezes é melhor diminuir o ritmo, pôr à parte a ansiedade para olhar nos olhos e escutar, ou renunciar às urgências para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho (FRANCISCO, 2013b, p. 40).

A Igreja deve ser como uma casa de todos, da qual participa, de uma forma ou de outra, a totalidade dos seres humanos. Todos são convocados a assumir um dina-

misso missionário que leve a dignidade aos mais pobres.

Não devem subsistir dúvidas nem explicações que debilitem esta mensagem claríssima. Hoje e sempre, os pobres são os destinatários privilegiados do evangelho, e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do reino que Jesus veio trazer. Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres. Não os deixemos jamais sozinhos (FRANCISCO, 2013b, p. 42)!

O papa Francisco insiste no olhar e prontidão do discípulo missionário para agir, estar com aqueles com quem Jesus Cristo esteve; naquela atenção amigável, que percebe o outro não com indiferença, mas como pessoa humana em todas as situações: injustiças, falta de moradia e de terra, sede, fome...:

Não se pode tolerar mais o fato de se lançar comida no lixo, quando há pessoas que passam fome. Isso é desigualdade social. Hoje, tudo entra no jogo da competitividade e da lei do mais forte, onde o poderoso engole o mais fraco. Em consequência dessa situação, grandes massas da população veem-se excluídas e marginalizadas: sem trabalho, sem perspectivas, num beco sem saída (FRANCISCO, 2013b, p. 48).

Ninguém pode sobrar: há no mundo lugar para todos viverem com dignidade. Existe, no fundo, grande crise de humanidade, na qual se nega o ser humano, o que é altamente reprovável no mundo

¹ “Sobretudo num mundo onde frequentemente se eleva a riqueza ao nível de primeiro objetivo, o que faz com que as pessoas se fechem em si mesmas” (FRANCISCO, 2018b, p. 1).

cristão. Igualdade social é imprescindível para um mundo de paz: “Deriva da nossa fé em Cristo, que se fez pobre e sempre se aproximou dos pobres e marginalizados, a preocupação pelo desenvolvimento integral dos mais abandonados da sociedade” (FRANCISCO, 2013b, p. 154).

Os pobres são os que mais necessitam do olhar atento da Igreja, são os privilegiados de Deus. Ajudá-los é uma obra libertadora:

Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus a serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade; isso supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo. Basta percorrer as Escrituras, para descobrir como o Pai bom quer ouvir o clamor dos pobres (FRANCISCO, 2013b, p. 154).

Escutar o clamor pela justiça vindo do evangelho nos impulsiona a encontrar o rosto do outro e dar-lhe vida. Mais que garantir comida, isso significa emancipá-lo:

Não se fala apenas de garantir a comida ou um decoroso sustento para todos, mas prosperidade e civilização em seus múltiplos aspectos. Isso engloba educação, acesso aos cuidados de saúde e, especialmente, trabalho, porque, no trabalho livre, criativo, participativo e solidário, o ser humano exprime e engrandece a dignidade da sua vida. O salário justo permite o acesso adequado aos outros bens que estão destinados ao uso comum (FRANCISCO, 2013b, p. 158).

No coração de Deus, os pobres ocupam o centro. Ele mesmo se fez um destes para demonstrar a todas as pessoas os valores de humanidade: “Esta preferência divina tem consequências na vida de fé de todos os cris-

tãos, chamados a possuírem ‘os mesmos sentimentos que estão em Cristo Jesus’ (Fl 2,5)” (FRANCISCO, 2013b, p. 163). Na ação da Igreja, deve-se revelar a prática do amor aos pobres para acompanhá-los em sua libertação.

A casa comum também é tema de reflexão de Francisco para defender os mais necessitados e aproximar-se deles. Ele exorta todos ao cuidado com o mundo, ciente de que a negligência nesse zelo se reverte diretamente em consequências para os mais pobres:

As mudanças climáticas são um problema global com graves implicações ambientais, sociais, econômicas, distributivas e políticas, constituindo atualmente um dos principais desafios para a humanidade. Provavelmente os impactos mais sérios recairão, nas próximas décadas, sobre os países em vias de desenvolvimento. Muitos pobres vivem em lugares particularmente afetados por fenômenos relacionados com o aquecimento, e os seus meios de subsistência dependem fortemente das reservas naturais e dos chamados serviços do ecossistema, como a agricultura, a pesca e os recursos florestais (FRANCISCO, 2015, p. 23).

A situação de exploração irresponsável do meio ambiente traz graves consequências àqueles que dependem diretamente da terra para sobreviver. Esse olhar sobre o meio ambiente é extremamente importante, pois a terra, a água, o ar, as vegetações... necessitam de cuidados especiais para que se garanta a sobrevivência da vida humana no planeta. Do meio ambiente desrespeitado decorrem os males que afetam os mais pobres:

Um problema particularmente sério é o da qualidade da água disponível para os pobres, que diariamente ceifa muitas vidas. Entre os pobres, são frequentes as doenças relacionadas com a

“A INTENÇÃO DO PAPA FRANCISCO É QUE TODOS SE ENVOLVAM E SE ENGAJEM PARA MUDAR ESSA DURA REALIDADE; QUE ESTEJAM ATENTOS A UM ESTILO DE VIDA QUE PROPORCIONE DIGNIDADE EM TODOS OS MOMENTOS PARA TODOS OS POVOS.”

água, incluindo as causadas por micro-organismos e substâncias químicas. A diarreia e a cólera, devidas a serviços de higiene e reservas de água inadequadas, constituem um fator significativo de sofrimento e mortalidade infantil (FRANCISCO, 2015, p. 26).

Esse problema acarreta grande degradação social e, por consequência, constitui uma ruptura com os mais pobres. Se não se cuida do meio ambiente, indiretamente não se cuida do ser humano,² pois este é afetado diretamente pelos impactos negativos causados àquele.

Gostaria de assinalar que muitas vezes falta uma consciência clara dos problemas que afetam particularmente os excluídos. Estes são a maioria do planeta, vários bilhões de pessoas. Hoje são mencionados nos debates políticos e econômicos internacionais, mas com frequência parece que os seus problemas são colocados como um apêndice, como uma questão que se acrescenta quase por obrigação ou periféricamente, quando não são considerados meros danos colaterais (FRANCISCO, 2015, p. 39).

O universo, a terra, o ar, as plantas, a água... constituem uma herança comum, da qual todos precisamos cuidar; não há espaço para relativizações. Com o trabalho de nossas mãos e a reflexão de nossa mente,

somos instigados a ser familiares³ das causas natural-humanas.

Trabalhar em favor dos pobres é trabalhar pelo evangelho. O papa Francisco, em 2017, instituiu o Dia Mundial dos Pobres, celebrado no domingo antecedente à solenidade de Cristo Rei (no mês de novembro), para relembrar o compromisso evangélico que os cristãos possuem com os mais necessitados.

[...] quis oferecer à Igreja o Dia Mundial dos Pobres, para que as comunidades cristãs se tornem, em todo o mundo, cada vez mais e melhor sinal concreto da caridade de Cristo pelos últimos e os mais carentes. Quero que, aos outros Dias Mundiais instituídos pelos meus predecessores e sendo já tradição na vida das nossas comunidades, se acrescente este, que completa o conjunto de tais dias com um elemento requintadamente evangélico, isto é, a predileção de Jesus pelos pobres (FRANCISCO, 2017, p. 4).

A ideia é construir uma cultura do encontro, perceber Jesus Cristo no rosto do outro que se apresenta necessitado. O convite é para todos,⁴ para que partilhem fraternalmente com momentos de encontro, diálogo, ajuda mútua...

² “Além disso, sabemos que se desperdiça aproximadamente um terço dos alimentos produzidos, e a comida que se desperdiça é como se fosse roubada da mesa do pobre” (FRANCISCO, 2015, p. 40).

³ A grande família do mundo, que são todos e, também, a família do lar: “[...] as famílias magnânimas e solidárias abrem espaço aos pobres, são capazes de tecer uma amizade com aqueles que estão vivendo pior do que elas” (FRANCISCO, 2016, n. 183).

⁴ “Que este novo Dia Mundial se torne, pois, um forte apelo à nossa consciência crente, para ficarmos cada vez mais convictos de que partilhar com os pobres permite-nos compreender o evangelho na sua verdade mais profunda. Os pobres não são um problema: são um recurso de que lançar mão para acolher e viver a essência do evangelho” (FRANCISCO, 2017, p. 6).

Ser cristão é estar ao lado dos mais pobres; não há maior dimensão cristã do que prestar ajuda aos mais necessitados: “O amor não admite alibis: quem pretende amar como Jesus amou, deve assumir o seu exemplo, sobretudo quando somos chamados a amar os pobres” (FRANCISCO, 2017, p. 1).

A intenção do papa Francisco é que todos se envolvam e se engajem para mudar essa dura realidade; que estejam atentos a um estilo de vida que proporcione dignidade em todos os momentos para todos os povos.

Não pensemos nos pobres apenas como destinatários duma boa obra de voluntariado, que se pratica uma vez por semana, ou, menos ainda, de gestos improvisados de boa vontade para pôr a consciência em paz. Estas experiências, embora válidas e úteis a fim de sensibilizar para as necessidades de tantos irmãos e para as injustiças que frequentemente são a sua causa, deveriam abrir a um verdadeiro *encontro* com os pobres e dar lugar a uma *partilha* que se torne estilo de vida (FRANCISCO, 2017, p. 3).

Trabalhar pela justiça entre todos, sem interesses e manipulações individualistas; buscar a justiça para os pobres, fazer que se sintam acolhidos e amados como humanos no meio social:

Fome e sede são experiências muito intensas, porque correspondem a necessidades primárias e têm a ver com o instinto de sobrevivência. Há pessoas que, com esta mesma intensidade, aspiram pela justiça e buscam-na com um desejo assim forte. Jesus diz que elas serão saciadas, porque a justiça, mais cedo ou mais tarde, chega e nós podemos colaborar para torná-la possível (FRANCISCO, 2018a, p. 40).

Paróquia e iniciação cristã

A interdependência entre renovação paroquial e mistagogia catecumenal

João Fernandes Reinert



240 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A metodologia catecumenal, caminho antigo e sempre novo para iniciar na fé, apresenta-se como uma renovada chance evangelizadora. Contudo, ela depende de renovada configuração paroquial. Catecumenato e renovação paroquial se complementam e se enriquecem. O que o catecumenato tem a dizer à renovação paroquial e em que sentido a paróquia renovada contribui para o catecumenato? Descubra neste livro!

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

Sair da comodidade e reconhecer Jesus Cristo no outro que sofre, que é explorado, que foi colocado naquela situação de injustiça;⁵ situação esta fruto da injustiça social, que está em muitas circunstâncias de nosso dia a dia:

Conhecemos a grande dificuldade que há, no mundo contemporâneo, de poder identificar claramente a pobreza. E todavia esta interpela-nos todos os dias com os seus inúmeros rostos marcados pelo sofrimento, pela marginalização, pela opressão, pela violência, pelas torturas e a prisão, pela guerra, pela privação da liberdade e da dignidade, pela ignorância e pelo analfabetismo, pela emergência sanitária e pela falta de trabalho, pelo tráfico de pessoas e pela escravidão, pelo exílio e a miséria, pela migração forçada. A pobreza tem o rosto de mulheres, homens e crianças explorados para vis interesses, espezinhados pelas lógicas perversas do poder e do dinheiro (FRANCISCO, 2017, p. 4).

É necessário coragem para o cristão, pois na sociedade encontraremos muitos que preferem que a alienação e tramas políticas atrapalhem o desenvolvimento humano e social: “Para viver o evangelho, não podemos esperar que tudo à nossa volta seja favorável, porque muitas vezes as ambições de poder e os interesses mundanos jogam contra nós” (FRANCISCO, 2018a, p. 44).

O papa Francisco quer uma Igreja renovada, com novo modo de ser, diferente, corajosa e caminheira, que devolva a esperança perdida em meio às injustiças e sofrimentos.

⁵ Ninguém está na pobreza porque quer: “A pobreza não é procurada, mas criada pelo egoísmo, a soberba, a avidez e a injustiça: males tão antigos como o homem, mas sempre são pecados, acabando enredados neles tantos inocentes com dramáticas consequências sociais” (FRANCISCO, 2018b, p. 3).

É verdade que nós, membros da Igreja, não devemos ser esquisitos. Todos têm que se sentir irmãos e próximos, como os apóstolos, que eram estimados por todo o povo (At 2,47). Mas, ao mesmo tempo, temos que nos atrever a ser diferentes, para mostrar outros sonhos que este mundo não oferece, para testemunhar a beleza da generosidade, do serviço, da pureza, da fortaleza, do perdão, da fidelidade à própria vocação, da oração, da luta pela justiça e do bem comum, do amor aos pobres, da amizade social (FRANCISCO, 2019a, p. 22).

Não obstante, percebemos o drama dos pobres em busca daquilo que mais necessitam para sobreviver: são famílias inteiras, órfãos, jovens... Para eles não há direitos reservados, nem mesmo a possibilidade de adoecer.

Quantas vezes vemos os pobres nas lixeiras a catar o descarte e o supérfluo, a fim de encontrar algo para se alimentar ou vestir! Tendo-se tornado, eles próprios, parte duma lixeira humana, são tratados como lixo, sem que isso provoque qualquer sentido de culpa em quantos são cúmplices desse escândalo (FRANCISCO, 2019b, p. 2).

O compromisso com os pobres deve ser permanente na vida dos cristãos, pois é a essência da mensagem de Jesus Cristo. Eles são pessoas a serem encontradas. No pobre descobrimos o próprio rosto de Jesus Cristo libertador:

Mas, colocando no centro os pobres ao inaugurar o seu Reino, Jesus quer-nos dizer precisamente isto: ele inaugurou, mas confiou-nos, a nós seus discípulos, a tarefa de lhe dar seguimento, com a responsabilidade de dar esperança aos pobres. Sobre tudo num período como o nosso, é preciso reanimar a esperança e restabelecer a confiança. É um programa

que a comunidade cristã não pode subestimar. Disso depende a credibilidade do nosso anúncio e do testemunho dos cristãos (FRANCISCO, 2019b, p. 4).

O evangelho de Jesus Cristo e a promoção social dos pobres são duas realidades da mesma situação: é a fé que se manifesta na história, desprendendo os que precisam de libertação. A fé cristã necessita de influxo social, trazendo uma mudança de mentalidade:

Não é fácil ser testemunha da esperança cristã no contexto cultural do consumismo e do descarte, sempre propenso a aumentar um bem-estar superficial e efêmero. Requer-se uma mudança de mentalidade para redescobrir o essencial, para encarnar e tornar

incisivo o anúncio do Reino de Deus (FRANCISCO, 2019b, p. 5).

Enfim, esta reflexão nunca se encerra, não termina; ela se manifesta em muitas ações, atitudes e reflexões do papa Francisco e da comunidade cristã. É louvável a audácia e o cuidado da Igreja, por meio de seu papa, de olhar para os pobres na perspectiva de Deus,⁶ chegando à realidade por eles vivida; dedicar não só um dia, mas uma vida inteira para rezar pelos pobres, conscientizar-nos de sua situação e dar esperança a eles, os destinatários do anúncio do Reino de Jesus Cristo. **vp**

⁶ “Para onde quer que se volte o olhar, a Palavra de Deus indica que os pobres são todos aqueles que, não tendo o necessário para viver, dependem dos outros. São o oprimido, o humilde, aquele que está prostrado por terra. Mas, perante esta multidão inumerável de indigentes, Jesus não teve medo de se identificar com cada um deles” (FRANCISCO, 2019b, p. 3).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FRANCISCO, Papa. *Carta encíclica Lumen Fidei sobre a fé*. São Paulo: Paulinas, 2013a.
- _____. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2013b.
- _____. *Carta encíclica Laudato Si' sobre o cuidado da casa comum*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- _____. *Exortação apostólica pós-sinodal Amoris Laetitia sobre o amor na família*. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html>. Acesso em: 19 ago. 2019.
- _____. *Mensagem para o I Dia Mundial dos Pobres*, 19 nov. 2017. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco_20170613_messaggio-i-giornatamondiale-poveri-2017.html>. Acesso em: 25 jun. 2019.
- _____. *Exortação apostólica Gaudete et Exultate sobre o chamado à santidade no mundo atual*. Brasília, DF: CNBB, 2018a.
- _____. *Mensagem para o II Dia Mundial dos Pobres*, 18 nov. 2018b. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco_20180613_messaggio-ii-giornatamondiale-poveri-2018.html>. Acesso em: 25 jun. 2019.
- _____. *Exortação apostólica pós-sinodal Christus Vivit aos jovens e a todo o povo de Deus*. Brasília, DF: CNBB, 2019a.
- _____. *Mensagem para o III Dia Mundial dos Pobres*, 17. nov. 2019b. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco_20190613_messaggio-iii-giornatamondiale-poveri-2019.html>. Acesso em: 25 jun. 2019.
- HIMITIAN, Evangelina. *O papa do povo*. Tradução de Maria Alzira Brum Lemos; Michel Teixeira. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

Por uma “Igreja em saída”

Uma “Igreja em saída” é uma Igreja decididamente missionária, capaz de sair da autorreferencialidade para chegar a todos, indistintamente, a fim de testemunhar no mundo o amor salvífico do Senhor.

*Pe. Erivaldo Dantas é padre paulino, mestre em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC. E-mail: erivaldodantas@gmail.com



INTRODUÇÃO

“Igreja em saída” é um termo cunhado pelo papa Francisco na exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, a alegria do evangelho (EG). É nessa exortação que o pontífice exprime suas principais preocupações a respeito da Igreja e do mundo, e desenvolve alguns temas que têm implicação direta na dinâmica pastoral e missionária da Igreja, a fim de delinear novo perfil eclesial.

O convite do papa Francisco para uma “Igreja em saída” é a marca predominante do seu pontificado, que deseja ver renascer na Igreja nova experiência de fé cristã missionária, fundamentada no evangelho, de modo que a mensagem da salvação chegue realmente a todos, sem exclusão. Para Francisco, a transmissão da fé não se resume numa desarticulada difusão de uma imensidade de doutrinas, mas no testemunho da fé em Jesus Cristo, principalmente entre os mais pobres e fragilizados da sociedade. Com a “Igreja em saída”, Francisco deseja redescobrir na experiência de fé a dimensão Povo de Deus, povo que caminha de acordo com o projeto de amor do Pai. Por isso a Igreja precisa entender que a sua missão não é fechar-se em si mesma ou em grupos de elite, mas ir ao encontro dos que andam perdidos, das imensas multidões sedentas de Cristo.

1. A “IGREJA EM SAÍDA”

Trata-se de uma Igreja que toma a iniciativa, sem medo de ir ao encontro dos afastados, de chegar às encruzilhadas dos caminhos para convidar os excluídos (cf. EG 24). É um convite especial à passagem de uma Igreja autorreferencial, centrada em si mesma, a uma Igreja aberta à alteridade, porque “quem deseja viver com dignidade e em plenitude não tem outro caminho senão reconhecer o outro e buscar o seu bem” (EG 9). Isso significa dizer que “a Igreja não é um ‘para si’, mas um ‘para os outros’” (VELASCO, 1996, p. 429).

Nesse sentido, para levar a cabo a proposta de uma “Igreja em saída”, o papa Francisco aposta na missionariedade da Igreja, de modo que “hoje todos somos chamados a esta nova ‘saída’ missionária” (EG 20), sem medo de enfrentar os cenários e os desafios próprios da missão evangelizadora da Igreja. A centralidade da missão é um ponto decisivo, tanto para a própria constituição da Igreja como para a reflexão eclesiológica, na perspectiva da eclesiologia da libertação (VELASCO, 1996, p. 429). É um convite a uma “nova práxis” eclesial, porque, na visão de Francisco, “não se pode deixar as coisas como estão. Neste momento, não nos serve uma ‘simples administração’. [Por isso o convite é para que] constituamo-nos em ‘estado permanente de missão’, em todas as regiões da terra” (EG 25).

Conforme Panazzolo, a missão foi uma das primeiras práticas da Igreja e jamais poderá ser colocada em segundo plano, porque faz parte da sua natureza. Desse modo, ele afirma que

a missão é uma realidade da qual a Igreja não pode se omitir. Ela é por natureza missionária. O envio missionário era e é uma questão vital. A missão foi primeiramente prática. A Igreja nasceu e viveu a missão antes de saber o que era missão. A experiência de vida, do “estar com Jesus”, era seu anúncio e testemunho (PANAZZOLO, 2006, p. 16).

O papa Francisco compreende bem que a missão é uma questão vital da Igreja, faz parte da sua natureza. Entretanto, ele chama a atenção para o verdadeiro sentido missionário, que não se resume numa “transmissão desarticulada de uma imensidade de doutrinas que se tentam impor à força” (EG 35), criando separação entre os “eleitos e os não eleitos”. Se, no início do

**“A IGREJA DEVE TORNAR-SE UMA CASA ABERTA A TODOS,
DE MODO ESPECIAL AOS MAIS FRAGILIZADOS, PROMOVENDO
SEMPRE UMA RELAÇÃO ‘ABERTA’ E NÃO ‘FECHADA.’”**

cristianismo, evangelizar era despertar para a liberdade e passar a pensar livremente, com o decorrer do tempo, paradoxalmente, evangelizar significou impor um sistema de pensamento feito, isto é, doutrinalmente sistematizado (COMBLIN, 2011, p. 222). Contudo, para Francisco, assumir um estilo missionário é fazer que a mensagem do evangelho “chegue realmente a todos, sem exceções nem exclusões” (EG 35), de modo que a mensagem evangélica se torne mais convincente e radiosa. Porque, “quando a pregação é fiel ao evangelho, manifesta-se com clareza a centralidade de algumas verdades e fica claro que a pregação moral cristã não é uma ética estoica [...] não é uma mera filosofia prática, nem um catálogo de pecados e erros” (EG 39).

Francisco deseja, portanto, que a Igreja, seguindo o modelo de uma relação eclesial “aberta”, leve a todos “a consolação e o estímulo do amor salvífico de Deus, que opera misericordiosamente em cada pessoa, para além dos seus defeitos e das suas quedas” (EG 43). Entretanto, isso só será possível se a Igreja reconhecer que jamais poderá optar pela rigidez autodefensiva ou refugiar-se nas próprias seguranças (cf. EG 45). Com efeito, infelizmente, “há estruturas eclesiais que podem chegar a condicionar o dinamismo evangelizador” (EG 26) e, desse modo, impedir o processo de renovação da Igreja, conduzindo-a a um estado permanente de relação social “fechada” e separando-a das pessoas, como se a Igreja fosse “um grupo de eleitos que olham para si mesmos” (EG 28).

O pontífice afirma que “todos somos chamados a dar aos outros o testemunho explícito do amor salvífico do Senhor, que,

sem olhar nossas imperfeições, nos oferece sua proximidade, sua Palavra, sua força, e dá sentido à nossa vida” (EG 121). Ou seja, é “ter a disposição de levar aos outros o amor de Jesus; e isso sucede espontaneamente em qualquer lugar: na rua, na praça, no trabalho, num caminho” (EG 127). Diante dos desafios da missão, o papa convida a Igreja a uma “saída” missionária. Isso se traduz em sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do evangelho (cf. EG 20).

Contudo, Francisco ressalta que “sair em direção aos outros para chegar às periferias humanas não significa sair pelo mundo sem direção nem sentido” (EG 46). “Igreja em saída” é, antes, na visão do papa Francisco, uma Igreja que sai da comodidade dos seus templos para ir ao encontro dos menos favorecidos da sociedade, mas é também uma Igreja capaz de abrir suas portas para acolher todos aqueles que queiram entrar, sem a necessidade de uma “vistoria alfândegária” ou de bater à porta e perguntar se é permitido entrar ou não. Porque, muitas vezes, a Igreja age como controladora da graça, e não como facilitadora. A respeito disso, Francisco não deixa dúvidas: “a Igreja não é uma alfândega, mas a casa paterna, onde há lugar para todos com a sua vida fatigosa” (EG 47).

A Igreja deve tornar-se uma casa aberta a todos, de modo especial aos mais fragilizados, promovendo sempre uma relação “aberta” e não “fechada”, porque, quando se fecha em si mesma, ela limita ou sujeita a participação das pessoas na vida eclesial, criando uma separação entre os que são fiéis à ortodoxia e os que são julgados pela ortodoxia. “Igreja em saída” é missão, e

PAULUS PERIÓDICOS

2020



Há mais de **85 anos** levando à comunidade o melhor conteúdo para celebrar a Palavra.



LITURGIA DIÁRIA

Com mais de 28 anos de história, a **Liturgia Diária** é um subsídio mensal que traz a liturgia de cada dia (partes fixas da missa, leituras, orações, cantos, memória dos santos, solenidades e festas litúrgicas, artigos sobre o Evangelho dos domingos e círculos bíblicos). Um guia especial para rezar, celebrar e meditar a Palavra de Deus diariamente.



FORMATO TRADICIONAL

Exemplares	Preço
------------	-------

1 a 5	R\$ 90,48
6 a 10	R\$ 83,16
11 a 15	R\$ 78,84
16 a 20	R\$ 71,28
21 a 25	R\$ 65,64
26 a 30	R\$ 63,36
31 a 50	R\$ 59,88
51 a 75	R\$ 56,64
76 a 100	R\$ 53,64
101 a 300	R\$ 51,24
301 a 500	R\$ 48,00
Acima de 501	R\$ 44,16

FORMATO GRANDE

Exemplares	Preço
------------	-------

1 a 5	R\$ 128,64
6 a 10	R\$ 118,20
11 a 15	R\$ 112,08
16 a 20	R\$ 101,28
21 a 25	R\$ 93,24
26 a 30	R\$ 90,12
31 a 50	R\$ 85,08
51 a 75	R\$ 80,76
76 a 100	R\$ 76,20
101 a 300	R\$ 72,84
301 a 500	R\$ 68,16
Acima de 501	R\$ 62,88

BRINDE EXCLUSIVO!

Ao assinar ou renovar a **Liturgia Diária (formato tradicional)**, você ganha uma **capa plástica** para cada assinatura.

LITURGIA DIÁRIA DAS HORAS

Periódico mensal que traz os Hinos, Salmos, Cânticos, Leituras, Preces e Orações a serem meditados nas Horas Canônicas, durante a manhã (Laudes), à tarde (Vésperas) e à noite (Completas). Um auxílio para rezar a oração comunitária oficial da Igreja.

Exemplares	Preço
------------	-------

1 a 5	R\$ 90,48
6 a 10	R\$ 83,16
11 a 15	R\$ 78,84
16 a 20	R\$ 71,28
21 a 25	R\$ 65,64
26 a 30	R\$ 63,36
31 a 50	R\$ 59,88
51 a 75	R\$ 56,64
76 a 100	R\$ 53,64
101 a 300	R\$ 51,24
301 a 500	R\$ 48,00
Acima de 501	R\$ 44,16



O DOMINGO

Folhetos Litúrgico-Catequéticos – Subsídios para comunidades de Fé

Os **folhetos litúrgico-catequéticos** da PAULUS visam ajudar as comunidades na experiência de fé, quando se reúnem em torno da Palavra e da Eucaristia para celebrar o memorial da paixão, morte e ressurreição do Senhor.

O DOMINGO • SEMANÁRIO LITÚRGICO-CATEQUÉTICO

Missão: Animar as comunidades que se reúnem para celebrar a Eucaristia. Traz os textos oficiais do Missal e do Lecionário, cantos específicos e dois artigos: um bíblico, sobre o Evangelho do dia, e outro catequético.

O DOMINGO • CELEBRAÇÃO DA PALAVRA DE DEUS

Missão: Celebrar a presença de Deus na caminhada do povo, mediante a Liturgia da Palavra dominical. Específico para as celebrações litúrgicas das comunidades sem padre. Além das partes fixas da celebração e das leituras, oferece artigo com reflexão do Evangelho do dia.

O DOMINGO • CELEBRAÇÃO DA MISSA COM CRIANÇAS

Missão: Dinamizar a celebração eucarística com as crianças. As orações, músicas, ilustrações e a linguagem são próprias para as crianças celebrarem a Missa com alegria e boa compreensão.



Exemplares | Preço

10 a 40	R\$ 14,41
50 a 90	R\$ 13,16
100 a 240	R\$ 12,33
250 a 490	R\$ 11,41
500 a 990	R\$ 10,52
1000 a 1490	R\$ 9,47
1500 a 1990	R\$ 9,31
2000 a 2990	R\$ 8,61
3000 a 3990	R\$ 8,34
4000 a 4990	R\$ 8,10
Acima de 5000	R\$ 7,46

Ao realizar ou renovar sua assinatura, **receba gratuitamente** cartazes litúrgicos para cada mês do ano. Têm direito ao brinde os assinantes dos folhetos *O Domingo – Semanário Litúrgico-Catequético*, *O Domingo – Celebração da Palavra de Deus* e *O Domingo – Celebração da missa com crianças*.

Regra de envio dos cartazes por quantidade de assinaturas*

50 a 250	1 coleção de cartazes
260 a 500	2 coleções de cartazes
510 a 750	3 coleções de cartazes
760 a 1000	4 coleções de cartazes
1010 a 1250	5 coleções de cartazes
1260 a 1500**	6 coleções de cartazes

* Para assinaturas efetivadas até 31/03/2020.

** A partir de 1500 assinaturas, a cada 250 exemplares, ganha-se mais uma coleção de cartazes.

SUPLEMENTOS ESPECIAIS

Suplementos de **O Domingo** com celebrações litúrgicas para ocasiões especiais.

R\$ 36,00 a cada 100 exemplares



Missa de Ordenação Presbital
Celebração da Reconciliação
Celebração do Batismo
Celebração do Matrimônio
Celebração Ecumênica de Formatura
Missa com Encarcerados
Missa da Confirmação
Missa da Esperança (7º e 30º dia)
Missa da Primeira Comunhão
Missa de 15 Anos
Missa de Ação de Graças

Missa de Todos os Fiéis Defuntos
Missa de Bodas de Casamento
Missa de Casamento
Missa de Formatura
Missa de Nossa Senhora
Missa: Dizimo é Partilha
Missa do Coração de Jesus
Missa do Padroeiro
Missa dos Enfermos
Vigília Exequial

REVISTA ECOANDO

Formação Interativa com Catequistas

A **Revista Ecoando** é um subsídio trimestral completo para a formação do catequista. Divididos em três seções – Ser, Saber e Saber & Fazer –, os textos dedicam-se a fortalecer a espiritualidade do catequista, auxiliá-lo na elaboração dos encontros e aprimorar seus conhecimentos.



Exemplares | Preço

1 a 10	R\$ 43,92
11 a 30	R\$ 42,60
31 a 60	R\$ 40,44
61 a 100	R\$ 38,92
Acima de 101	R\$ 36,08

REVISTA VIDA PASTORAL

Esta revista bimestral traz artigos com temas pastorais, como teologia, espiritualidade, ética cristã, Patrística, ministério presbiterial, catequese e muitos outros. O periódico apresenta também roteiros homiléticos em sintonia com o magistério da Igreja, visando contribuir para a formação dos agentes de pastoral.



COMO ASSINAR?

Para efetuar sua assinatura, envie dados e cópia de comprovante de depósito.

Todas as paróquias recebem um exemplar gratuitamente. Caso deseje receber em maior quantidade basta enviar uma contribuição espontânea para:

Banco do Brasil: Agência – 300-X, Conta – 105555-0
Bradesco: Agência 3450-9, Conta 1139-8

RENOVE OU ASSINE OS PERIÓDICOS PAULUS.



(11) 3789-4000 (Grande São Paulo)
 0800-164011 (outras localidades)
 (11) 99974-1840 (WhatsApp)



assinaturas@paulus.com.br

- A renovação das assinaturas de todos os periódicos pode ser feita por pagamento à vista ou parcelado em até 5 vezes.
- O vencimento das parcelas acontece no dia 10 de cada mês.
- Os valores das tabelas são válidos para assinaturas realizadas até fevereiro de 2020.

a missão está sempre relacionada com o *mundo*. Não existe nenhuma missão no abstrato, no vácuo, fora do tempo, do espaço e das culturas. Missão é o encontro de Deus com o mundo, do divino com o humano. Missão é um processo de integração, de relação, de comunhão, de urgência, e não se realiza sem tensões e lutas (PANAZZOLO, 2006, p. 101).

Desse modo, podemos entender que a missão “não exclui ninguém nem uniformiza. Ela é universal, solidária, constrói a unidade na diferença [...] acolhe a todos na comunhão” (PANAZZOLO, 2006, p. 102), porque a mensagem do evangelho é para todos, dirigida a todos, para a salvação de todos. E, por isso, a Igreja precisa transformar suas estruturas e seus modos pastorais, orientando-os de modo que sejam missionários.

Comblin (2000, p. 61) nos assegura que, de todos os carismas, o mais importante, o mais necessário e o mais urgente é o carisma de *missionário*, porque os missionários são pessoas que vão ao encontro de outras pessoas nos vários ambientes sociais, dando testemunho de uma boa-nova, de modo “que desperte a adesão do coração com a proximidade, o amor e o testemunho” (EG 42), “para olhar nos olhos e escutar, ou renunciar às urgências para acompanhar quem ficou caído à beira do caminho” (EG 46).

2. A IGREJA “POVO DE DEUS”

Com a “Igreja em saída”, o papa Francisco ressignifica o conceito “Povo de Deus”, uma vez que “ser Igreja significa ser Povo de Deus, de acordo com o grande projeto de amor do Pai. Isso implica ser o fermento de Deus no meio da humanidade” (EG 114). “Não se trata de uma nova Igreja, mas de um modo

Cultura urbana: porta para o Evangelho

A conversão pastoral como chave
para a evangelização nas cidades

Leomar A. Brustolin e Leandro Luis B.
Fontana (orgs.)



40 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Embora o cristianismo tenha nascido no meio urbano e em seu seio tenha se desenvolvido ao longo dos séculos, a comunicação da Boa-nova do Evangelho aos cidadãos do século XXI não é algo que ocorre de forma automática. Para compreender a fundo o fenômeno da cidade, esta obra reúne estudos de diversos especialistas em âmbito internacional, que abordam a temática a partir de distintas perspectivas: arquitetura, antropologia, ciências da comunicação, filosofia e teologia.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

**“A IGREJA DEVE SER LUGAR DA MISERICÓRDIA GRATUITA,
ONDE TODOS POSSAM SENTIR-SE ACOLHIDOS, AMADOS, PERDOADOS
E ANIMADOS A VIVER SEGUNDO A VIDA BOA DO EVANGELHO.”**

novo de ver a Igreja, que deve levar a um novo modelo eclesial” (KASPER, 2015, p. 56). Para lograr esse fim, é necessário romper com padrões e regras fortemente petrificadas que, em vez de unir o Povo de Deus, separam, de modo que grande parte do “povo batizado não sente sua pertença à Igreja, [e] isso se deve também à existência de estruturas com clima pouco acolhedor em nossas paróquias e comunidades” (EG 63). Em virtude disso, é preciso deixar claro que

a Igreja é para ele [Francisco] muito mais do que uma instituição orgânica e hierárquica, é sobretudo Povo de Deus a caminho para Deus, povo peregrino e evangelizador que transcende também toda a necessária expressão institucional [...]. Com base na sua teologia do Povo de Deus, o papa Francisco opõe-se a todo clericalismo [...]. O papa quer que todo o Povo de Deus participe da vida da Igreja: homens, mulheres, leigos e clérigos, jovens e velhos (KASPER, 2015, p. 57).

Isso significa dizer que “a Igreja deve ser lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados a viver segundo a vida boa do evangelho” (EG 114), de modo que se possa suscitar na Igreja nova expressão da fé e da vida cristã que envolva a totalidade do ser humano, o seu corpo inteiro, e não somente a razão abstrata ou científica (COMBLIN, 2000, p. 27). A Igreja é feita de pessoas humanas completas, com todo o seu ser e todo o seu agir. A Igreja não é composta somente de um

aparelho de santificação cujos elementos ativos seriam os membros da hierarquia (COMBLIN, 2011, p. 26).

O propósito do papa Francisco com o processo de retomada do conceito de Povo de Deus, à luz de uma “Igreja em saída”, é atualizar com sabedoria um conceito que tem suas raízes na Bíblia e foi conscientemente discutido e assumido pelo Vaticano II, mas, infelizmente, foi mal interpretado por Roma durante a recepção do Concílio, principalmente com o modelo de teologia desenvolvido na América Latina.

O papa Francisco tem presente que “não podemos pretender que todos os povos dos vários continentes, ao exprimir a fé cristã, imitem as modalidades adotadas pelos povos europeus num determinado tempo da história” (EG 118). Isso significa dizer que “não faria justiça à lógica da encarnação pensar num cristianismo monocultural e monocórdico” (EG 117), ou seja, pautado apenas numa única realidade cultural, como se esta tivesse a total autoridade de se impor às demais. Na perspectiva do papa Francisco, “o cristianismo não dispõe de um único modelo cultural, mas ‘permanecendo o que é, na fidelidade total ao anúncio evangélico e à Tradição da Igreja, o cristianismo assumirá também o rosto das diversas culturas e dos vários povos onde for acolhido e se radicar’” (EG 116). Desse modo, Francisco renova a esperança da doutrina conciliar, a mesma que João XXIII havia orientado pensando longe, olhando para longe, olhando para o mundo inteiro, e não mais simplesmente para a Europa (COMBLIN, 2011, p. 14).

Francisco é o papa que leva a Roma a marcante experiência pastoral de uma

Igreja latino-americana, que buscou construir um caminho de fé não desvinculado da Tradição nem do seu primado, mas com base na fé de um povo com uma história própria e uma realidade específica, diferente da realidade europeia e marcada, principalmente, por uma situação de extrema pobreza, onde anunciar o evangelho significa, antes de tudo, compadecer-se das dores de um povo pobre e sofredor.

Nesse sentido, para anunciar o evangelho nas várias realidades eclesiais, não basta apenas dizer que Deus é Pai e ama a todos; é necessário mostrar concretamente onde reside esse amor e como esse amor se manifesta vivo e real na vida de cada povo, de modo que se possa “responder adequadamente à sede de Deus de muitas pessoas, para que não tenham de ir apagá-la com propostas alienantes ou com um Jesus Cristo sem carne e sem compromisso com o outro” (EG 89).

A Igreja Povo de Deus é a Igreja capaz de descobrir Jesus no rosto dos outros, na sua voz, nas suas reivindicações (cf. EG 91); uma Igreja que luta para que o evangelho adquira real inserção na vida do povo fiel de Deus e nas necessidades concretas da história. Porque uma Igreja que prefere gozar de uma autocomplacência egocêntrica a sair à procura dos que andam perdidos e das imensas multidões sedentas de Cristo é uma Igreja que não traz, de fato, o selo de Cristo encarnado, crucificado e ressuscitado, mas, sim, uma Igreja encerrada em si mesma, em grupos de elite (cf. EG 95).

No viés da Teologia da Libertação, sem demonização, o papa Francisco estabelece o lugar privilegiado dos pobres no Povo de Deus. Uma preferência que tem consequências na vida de fé de todos os cristãos (cf. EG 198), porque diz respeito a uma solicitude religiosa privilegiada e prioritária (cf. EG 200).

Laicato

Vocação e missão

Dom Orlando Brandes



144 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Em 2018, a Igreja no Brasil celebrou o Ano do Laicato. Para os leigos, foi tempo de celebrar e confirmar o compromisso com a missão que Deus lhes confiou: seguir Jesus Cristo, em busca da santidade. Convidamos você para conhecer melhor o seu papel como leigo na Igreja e na sociedade com o livro *Laicato: vocação e missão*, de Dom Orlando Brandes. Este subsídio especial vai ajudá-lo a compreender a identidade, a vocação e a missão dada por Deus a todo fiel cristão.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br

“AS MOTIVAÇÕES DO PAPA FRANCISCO POR UMA ‘IGREJA EM SAÍDA’
SÃO LUZES QUE ILUMINAM A IGREJA PARA A COMPREENSÃO DA NECESSIDADE
DE UM NOVO MODELO ECLESIAL, À LUZ DO EVANGELHO DE JESUS CRISTO.”

3. A EXORTAÇÃO DO PAPA

Desde quando a Igreja assumiu as categorias imperiais até tornar-se o que é hoje, precisou fazer uma opção: pôr o essencial da fé cristã em segundo plano e priorizar o fortalecimento de suas estruturas eclesiais. Por isso, em vez de evangelho, deu ao povo doutrina; em vez de fé, deu-lhe conceitos; em vez do querigma, deu-lhe dogmas; em vez do compromisso com o Reino, acomodou-o debaixo dos seus preceitos. De tudo isso, o que restou foi um cristianismo frágil e descomprometido com a causa do evangelho, pois, nesse modelo eclesial, o que definia um cristão católico não era a prática concreta dos ensinamentos de Jesus, à luz do evangelho, mas “considerava-se católico quem professava visivelmente a fé, era validamente batizado, aceitava os sacramentos e vivia sob o governo do Romano Pontífice, como vigário de Cristo na terra” (LIBANIO, 2005, p. 16).

Foi a partir da longa construção desse modelo eclesial que se moldou e continua a se moldar a consciência do cristão católico, de modo que, quando se fala em sair para anunciar o evangelho, acredita-se que fazê-lo é transmiti-lo sempre com fórmulas preestabelecidas ou com palavras concretas que expressem um conteúdo absolutamente invariável (cf. EG 129). Esse dado histórico fortaleceu indubitavelmente a construção de uma consciência cristã cimentada numa eclesiologia presa num emaranhado de obsessões e procedimentos, de modo que pensar numa “Igreja em saída” é quase um “risco”. Por isso, o papa Francisco nos assegura que

mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mc 6,37) (EG 49).

Pensar numa “Igreja em saída” é, portanto, não ter medo de rever determinados costumes, determinados preceitos eclesiais, alguns muito radicados no curso da história e eficazes noutras épocas, mas incapazes de responder às exigências próprias do tempo presente (EG 43). Tanto que muitas expressões nascidas em outras épocas nos aparecem hoje como opacas e incompreensíveis (MIRANDA, 2017, p. 165). Isso deve levar a Igreja à convicção de que não pode mais confiar simplesmente na força do seu passado, mas é necessário conquistar os seus membros, um por um, sem medo e sem receio (COMBLIN, 2000, p. 13), mesmo porque a Igreja não cresce por proselitismo, mas por atração (cf. EG 14).

Contudo, ainda que a exortação do papa Francisco – entendida aqui não como um documento específico, mas como o *corpus Franciscus* (gestos, palavras e ações) – se apresente como a esperança de uma primavera para a Igreja católica, a certeza que fica é que sua novidade exortativa incomoda, porque mexe com uma estrutura milenar na qual, no decorrer da história, foram se incorporando elementos secundários que atualmente são tidos

como prioritários e essenciais à fé cristã católica. Por isso, romper com esse paradigma não é algo simples, porque exige, tanto do Magistério como do fiel cristão, uma mudança radical de mentalidade, à luz do evangelho, antes que das normas e das regras doutrinárias muitas vezes impostas à força.

CONCLUSÃO

No leme da Igreja está um papa que leva a Roma a marcante experiência pastoral e missionária latino-americana: Francisco, que com afeição podemos chamar de “o papa dos pobres, o papa da fé, o papa da esperança”. Em Francisco descortina-se a verdadeira mensagem do evangelho, que, por ser evangelho, incomoda, como Jesus incomodou no seu tempo. Nesse sentido, o papa não hesita em transformar estruturas eclesiais que tentam, a todo custo, condicionar o dinamismo missionário da Igreja.

O papa Francisco não deseja nada mais que todo o Povo de Deus possa participar da vida da Igreja, que ninguém se sinta excluído da vida eclesial, mas todos se sintam amados e acolhidos por Deus. A “Igreja em saída” é justamente uma Igreja de portas abertas, a fim de acolher e oferecer a todos o testemunho salvífico do Senhor. É uma Igreja que busca iluminar a humanidade com as luzes do evangelho, sem condicionar a fé cristã num emaranhado de obsessões e procedimentos.

As motivações do papa Francisco por uma “Igreja em saída” são luzes que iluminam a Igreja para a compreensão da necessidade de um novo modelo eclesial, à luz do evangelho de Jesus Cristo. Entretanto, se não houver adesão e a participação de toda a Igreja, as motivações de Francisco podem se encerrar em si mesmas e a beleza do evangelho poderá se esvaír na superficialidade de uma Igreja centrada em sua própria autorreferencialidade. **vp**

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COMBLIN, José. *Pastoral urbana: o dinamismo na evangelização*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- _____. *Povo de Deus*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2011.
- FRANCISCO, Papa. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium sobre o anúncio do evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulus: Loyola, 2013.
- KASPER, Walter. *Papa Francisco: a revolução da misericórdia e do amor*. Prior Velho: Paulinas, 2015.
- LIBANIO, J. B. *Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão*. São Paulo: Loyola, 2005.
- MIRANDA, Mário de França. *A reforma de Francisco: fundamentos teológicos*. São Paulo: Paulinas, 2017.
- PANAZZOLO, João. *Missão para todos: introdução à missiologia*. São Paulo: Paulus, 2006.
- VELASCO, Rufino. *A Igreja de Jesus: processo histórico da consciência eclesial*. Petrópolis: Vozes, 1996.



ROTEIROS HOMILÉTICOS

Francisco Cornélio Freire Rodrigues*

SANTA MARIA, MÃE DE DEUS

1º de janeiro

Pelo filho “nascido de mulher”,
Deus nos dá sua bênção

I. INTRODUÇÃO GERAL

Na conclusão da oitava de Natal e início do novo ano civil, a Igreja celebra a solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus, recordando a afirmação do Concílio de Éfeso, no ano 431 d.C., que a definiu como *Theotókos*, cujo significado literal é “geradora de Deus”. A intenção da Igreja, no entanto, com essa definição não era propriamente incentivar ou promover um culto a Maria, mas ajudar na compreensão da identidade de Jesus, seu filho, como verdadeiro Deus e verdadeiro homem. Por isso, essa celebração é altamente cristológica e soteriológica, como é toda a liturgia da Igreja.

As três leituras desta celebração, por sinal, encontram seu ponto de unidade na paternidade de Deus: sobre Israel (1ª leitura), sobre Jesus (evangelho) e sobre a humanidade inteira (2ª leitura), resgatada da escravidão do pecado pelo Filho e passando também à condição filial, a ponto de poder chamar a Deus de Pai. O Filho de Deus, nascido de mulher, é a bênção por excelência, pois revela com clareza o rosto

do Pai, cujo olhar se dirige especialmente para os pobres, como os pastores do evangelho deste dia. Essa obra maravilhosa teve a participação ativa de Maria. Além de dizer sim, ela soube meditar e guardar no coração as maravilhas realizadas por Deus em sua vida pessoal e na história do povo de Israel. Por isso, é justo que seja recordada, hoje e sempre, por ter contribuído para que, pelo seu filho, a paternidade e a bênção de Deus se estendessem à humanidade inteira.

No ano de 1968, o papa São Paulo VI declarou 1º de janeiro como o Dia Mundial da Paz. É um convite aos cristãos para que sejam construtores da paz, repudiando todas as formas de violência e vivendo relações fraternas, marcadas pelo amor. A paz é bênção de Deus aos seus filhos e filhas.

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. 1ª leitura: Nm 6,22-27

A primeira leitura contém a bênção sacerdotal do livro dos Números, transmitida por Deus aos sacerdotes por meio de Moisés (cf. v. 22), para que abençoassem todo o povo de Israel (cf. v. 23). Essa bênção era proferida no final de cada ato litúrgico no Templo de Jerusalém, incluindo os sacrifícios. Como é centrada no nome de Deus, a invocação dessa bênção era exclusividade

*Pe. Francisco Cornélio Freire Rodrigues é presbítero da Diocese de Mossoró-RN. Possui mestrado em Teologia Bíblica pela Pontifícia Universidade San Tommaso D'Aquino – Angelicum (Roma). É licenciado em Filosofia pelo Instituto Salesiano de Filosofia – Insaf (Recife) e bacharel em Teologia pelo Ateneo Pontifício Regina Apostolorum (Roma). É professor de Antigo e Novo Testamentos na Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (Mossoró-RN). E-mail: francornelio@gmail.com

dos sacerdotes, uma vez que somente eles tinham permissão para pronunciar esse nome. Com a destruição do Templo, passou a ser utilizada também nas sinagogas, como ainda é, até hoje.

Na linguagem bíblica, a bênção não é apenas uma declaração ou desejo de coisas boas, mas se trata de palavra performativa e eficaz que, de fato, transmite os dons invocados. Os sacerdotes são encarregados de pronunciá-la, mas quem abençoa é Deus. A bênção consta de três invocações do nome do Senhor, com dois pedidos em cada uma delas. Como o número *três* significa perfeição, a tríplice invocação do nome de Deus evoca sua santidade e poder incomparáveis. Os seis pedidos da bênção contemplam as principais necessidades para o ser humano viver feliz e podem ser sintetizados como proteção de Deus e paz. De todos os dons invocados, o maior deles é a paz, o *shalom* hebraico, que significa o bem-estar do ser humano em todas as dimensões da vida: prosperidade material, saúde, harmonia nas relações com Deus e com o próximo e tudo o que conduz à felicidade.

Essa fórmula de bênção revela aspectos importantes da identidade de Deus: trata-se de um “Deus pessoa” que tem nome (cf. v. 27) e rosto (cf. vv. 25–26), e pretende relacionar-se pessoalmente com seus filhos e filhas. Em Jesus, o Filho de Deus nascido de mulher, esse rosto se torna ainda mais claro e acessível a todos, pois Ele é a plenitude da revelação.

2. II leitura: Gl 4,4-7

A segunda leitura é retirada da carta aos Gálatas, uma das mais polêmicas que Paulo escreveu. Nessa carta, ele combate a tendência judaizante que queria impor a circuncisão e a observância de toda a Lei como condição para os cristãos alcançarem a salvação. Isso contradizia o que ele tinha ensinado nas comunidades da região, a sa-

ber, que para a salvação não era necessário outro meio, senão a fé em Jesus Cristo. O trecho lido hoje contém a única referência que Paulo faz à mãe de Jesus, mesmo sem citar o nome de Maria (cf. v. 4).

Com uma proclamação solene, Paulo declara, simultaneamente, as condições divina e humana de Jesus: ele é o Filho de Deus enviado ao mundo, nascido de mulher e sujeito à Lei (cf. v. 4). A expressão “nascido de mulher” recorda a fragilidade do ser humano (cf. Jó 14,1); “sujeito à Lei” significa a inserção na história concreta de um povo. Essa Lei fora dada por Deus para corrigir a conduta dos pecadores; mesmo sem pecado, Jesus submeteu-se a ela em solidariedade à humanidade pecadora. Dessa situação paradoxal, ele conseguiu dois resultados maravilhosos: libertou a todos os que estavam sujeitos à Lei e elevou todos os nascidos de mulher à condição de filhos de Deus (cf. v. 5).

Na condição de filhos, todos passam a uma relação de intimidade com Deus, superando a situação de escravidão imposta pela Lei. Por isso, recebendo o Espírito do Filho, aqueles que outrora eram escravos podem agora chamar a Deus, carinhosamente, de “Abbá” (v. 6), termo aramaico que significa *papai* ou *paizinho*, o que denota intimidade. Essa é a prova maior de que os cristãos já não são escravos, mas filhos e, portanto, herdeiros (cf. v. 7) de todos os dons divinos, como a salvação. Portanto, pelo Filho de Deus e de Maria, todos os nascidos de mulher se tornam também filhos de Deus, e isso é graça e bênção.

3. Evangelho: Lc 2,16-21

O evangelho é a continuação do trecho lido na noite de Natal. Ora, o anjo tinha anunciado aos pastores que nascera para eles um Salvador (cf. v. 11); marginalizados e excluídos como eram, eles não estavam habituados a receber notícias tão boas



assim, por isso tiveram pressa em conferir se o anúncio do anjo era verdadeiro (cf. v. 16), pois quem espera por libertação não tem tempo a perder. Há aqui uma indicação clara de que são os pobres e marginalizados os primeiros destinatários da salvação inaugurada por Jesus.

Tendo encontrado tudo conforme o anjo tinha anunciado (cf. vv. 12.16.20), os pastores se tornam também evangelizadores: contam tudo o que lhes tinha sido dito (cf. v. 17) e fazem da vida um contínuo louvor e ação de graças (cf. v. 20). A reação de quem os escuta é de admiração, pois é grande novidade (cf. v. 18) – afinal, de acordo com a mentalidade da época, os pastores não tinham credenciais para receber um anúncio tão magnífico, por serem considerados a escória da sociedade e, de acordo com a religião, gente impura. Portanto, maravilhar-se com o que os pastores contaram, além de admiração, significa a compreensão de que uma nova história está sendo construída, a partir dos pequenos e excluídos. O sinal mais evidente dessa reviravolta histórica é a condição do salvador recém-nascido: não descansa em berço esplêndido, mas numa manjedoura, em meio a moscas e esterco.

A reação de Maria é ainda mais profunda. Como participante e colaboradora ativa de tudo o que estava acontecendo, ela “guardava todos esses fatos e meditava sobre eles em seu coração” (v. 19), ou seja, refletia sobre os acontecimentos para, assim, apreciar melhor o significado, inclusive juntando com tudo o que já tinha vivido até então, desde o anúncio do anjo (cf. Lc 1,26-38). Como mãe do Filho de Deus e, portanto, mãe de Deus também, ela sentia que a história da salvação estava sendo reescrita segundo novos parâmetros, com uma inversão de ordem: os últimos, como ela e os pastores, passaram a ser os primeiros!

Com a circuncisão no oitavo dia, de acordo com a Lei, e a imposição do nome

(cf. v. 21), o evangelista evidencia ainda mais a inserção concreta e plena do Filho de Deus na história; a experiência dos pastores não foi alucinação nem sonho. A circuncisão é o atestado de pertença ao povo judeu e de sujeição à Lei vigente. A imposição do nome de Jesus revela a identidade e a missão do menino, pois esse nome significa “Deus salva”. Com a vinda do Salvador ao mundo – o Filho de Deus nascido de Maria –, a humanidade recebe definitivamente a bênção de Deus e conhece seu rosto, voltado preferencialmente para os pobres e excluídos.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Recordar os elementos que unem as três leituras: a paternidade de Deus presente ao longo da história e tornada plena com a vinda de Jesus ao mundo. A maior das bênçãos é a certeza de que Deus é Pai. Como seus filhos, é nossa missão nos empenharmos, o máximo possível, na construção da paz no mundo, promovendo a civilização do amor, vivendo como irmãos. Por isso, é incoerência invocar a bênção de Deus e ser conivente com políticas armamentistas ou com qualquer iniciativa que promova a violência. Cabe-nos aprender com Maria a perceber o agir de Deus na história e guardar tudo no coração. O rosto do Pai, revelado por Jesus, é acessível à humanidade, mas seu olhar se volta especialmente aos mais necessitados, aos que têm pressa pela libertação, como os pastores.

EPIFANIA DO SENHOR

5 de janeiro

Jesus, a luz de Deus
que ilumina todos os povos

I. INTRODUÇÃO GERAL

A Igreja celebra neste dia a Epifania do Senhor, que significa a manifestação de Deus, em Jesus, como luz, guia e Senhor de todo o universo, com sua diversidade de



raças, culturas e crenças. A liturgia da Palavra desta celebração possui uma riqueza extraordinária, tanto estética quanto teológica, com clara unidade entre as três leituras. Cada uma delas apresenta um elemento de convergência para todos os povos da terra, ou seja, um ponto de unidade. Na primeira leitura, esse elemento é a glória do Senhor que volta a brilhar em Jerusalém, o que motiva tanto os israelitas dispersos pelo mundo quanto os povos pagãos a acorrer para lá, atraídos pelas luzes que resplandecem do monte Sião, dissipando as trevas em que estava envolto o mundo; no evangelho, é o menino Jesus recém-nascido que, por meio da estrela, atrai os magos do Oriente para adorá-lo e homenageá-lo, tendo em seus primeiros adoradores a representação simbólica de todas as nações da terra; na segunda leitura, o elemento de convergência para toda a humanidade é o mistério de Deus revelado em Cristo, mistério que consiste na admissão também dos pagãos à salvação, como membros do mesmo corpo, imagem da Igreja.

Celebramos, portanto, a manifestação de Deus ao mundo como luz que ilumina todas as pessoas e culturas sem distinção, juntamente com a fraternidade universal gerada por essa luz que é Jesus; é ele a luz que brilha para o mundo, mas, ao contrário das expectativas messiânicas do Antigo Testamento, seu brilho já não resplandece nos centros de poder como palácios ou templos, e sim nas periferias, naquilo que é simples e parece insignificante, como parecia ser aquele menino recém-nascido de Belém.

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura: Is 60,1-6

A terceira parte do livro de Isaías (Is 56-66) é obra de um profeta anônimo que exerceu seu ministério em Jerusalém no período imediato ao exílio, provavelmente. Convencionou-se chamar esse profeta de

Paróquia missionária

Projeto de evangelização e missão paroquial na cidade

Pe. Humberto Robson de Carvalho



80 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A Igreja católica, por escolha de Jesus, nasceu missionária e desenvolveu-se no vigor da missão. Os apóstolos compreenderam essa escolha de Jesus e saíram em missão. Papa Francisco já demonstrou o desejo de que todos os agentes de pastoral tenham também uma atitude constante de saída. Este livro explica como sair e que método utilizar esse processo, ajudando a transformar a comunidade paroquial numa verdadeira comunidade missionária.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



“Terceiro Isaías”, e é da sua obra que é retirada a primeira leitura desta celebração. Jerusalém estava sendo reconstruída, porém com muita lentidão, gerando desânimo em boa parte da população que tinha acabado de retornar do exílio.

Em nome de Deus, o profeta se encarrega de injetar esperança no povo e anuncia uma boa notícia: está perto o tempo de Jerusalém recuperar seu esplendor e ser, de novo, revestida de luz e atrativa (cf. vv. 1-2). Para isso, é necessário o empenho de todos na reconstrução da cidade e do Templo, sobretudo, para a glória do Senhor voltar a habitar sobre ela. Restaurada, Jerusalém será luz para as nações, ponto de encontro para toda a humanidade, sinal de unidade universal. O profeta não tem dúvidas de que isso acontecerá. Por isso, antecipadamente, descreve o movimento que congregará todos os povos em Jerusalém: primeiro, retornarão os filhos de Israel dispersos pelo mundo (cf. v. 4); em seguida, as nações estrangeiras também se encaminharão para lá, atraídas pela sua luz, reconhecendo o Senhor como Deus verdadeiro e universal, e levando riqueza e dons, como ouro e incenso (cf. vv. 5-6).

A visão do profeta prefigura, parcialmente, o episódio dos magos no Evangelho segundo Mateus. A salvação de Deus, simbolizada pela luz, não perdeu sua força de atração; pelo contrário, em Jesus passou a brilhar cada vez mais, tornando-se mais acessível e próxima de todas as pessoas. Porém, já não tem como ponto de irradiação os templos ou palácios, e sim as periferias, como Belém.

2. II leitura: Ef 3,2-3a.5-6

Na segunda leitura, tirada da carta aos Efésios, Paulo se apresenta como escolhido para anunciar o plano que Deus lhe fez conhecer por revelação (cf. v. 3). Esse plano é o mistério da graça de Deus que esteve

escondido para as gerações passadas, mas agora foi revelado pelo Espírito Santo (cf. v. 5): em Jesus Cristo, a salvação chegou definitivamente e é acessível a todos os povos. Judeus e “pagãos são admitidos à mesma herança, são membros do mesmo corpo, são associados à mesma promessa em Jesus Cristo, por meio do evangelho” (v. 6); com isso, devem desaparecer todas as barreiras que causam divisões na humanidade, seja entre as pessoas de uma mesma família ou comunidade, seja entre as diferentes nações e religiões.

O que Paulo afirma convictamente não é fruto de uma visão simbólica, como a do profeta na primeira leitura, e sim de uma revelação de Deus e também de profunda reflexão teológica. Em Jesus Cristo, todas as pessoas, de todos os povos, encontram seu elemento de unidade, pois Ele não faz distinção de pessoas, mas veio para formar, de todas as raças, um único povo. Todos são filhos de Deus e, por isso, são chamados à fraternidade universal.

3. Evangelho: Mt 2,1-12

O evangelho deste dia é o relato da visita dos magos, um texto exclusivo de Mateus e um dos mais encantadores de todo o Novo Testamento, pois, além de rica teologia, possui uma beleza ímpar. O relato se inicia com as indicações de tempo e espaço (cf. v. 1a), e com elas o evangelista recorda que Jesus não é um personagem mitológico, mas um ser real e concreto, que se inseriu plenamente na história, apesar do caráter simbólico do episódio. Os magos desse relato não são personagens reais, mas fruto da inteligência e criatividade do evangelista, e representam todos os povos da terra, antecipando a universalidade do cristianismo. Mesmo que a tradição tenha feito, não é necessário determinar a quantidade, nem seus respectivos nomes, nem, muito menos, elevá-los à categoria de reis.



O primeiro objetivo do relato é ensinar que, em Jesus, a luz de Deus ganha um alcance universal. Seu brilho chega a todos os povos indistintamente, embora haja clara opção preferencial pelos excluídos e marginalizados. Ora, os magos eram astrólogos, intérpretes de sonhos e de fenômenos da natureza, praticantes da magia, uma atividade condenada explicitamente pela Lei de Moisés (cf. Lv 19,26; Dt 18,9-12). Ao apresentá-los como os primeiros adoradores de Jesus em seu evangelho (cf. vv. 2.11), Mateus evidencia quem são os destinatários primeiros da salvação: as pessoas de pouca reputação, vítimas de preconceitos, os pobres e marginalizados em geral.

Os magos se deixam conduzir pela estrela, mas somente por ela não conseguem chegar ao destino, embora cheguem perto (cf. v. 1). Esse dado também é muito importante, pois mostra que Deus se deixa conhecer parcialmente por meio dos elementos da criação, mas esse conhecimento é limitado: não é possível chegar até ele sem o auxílio da Escritura, mesmo que seus intérpretes oficiais, como os sacerdotes e mestres da Lei (cf. vv. 4-6), tenham sido corrompidos pelo poder. Por sinal, são os detentores de poder, tanto político quanto religioso, os mais refratários à novidade de Jesus (cf. v. 3).

Guiados pela Escritura, os magos chegam ao destino (cf. vv. 9-11). Como Jerusalém estava contaminada pelo poder arbitrário de Herodes e seus cúmplices, as lideranças religiosas, lá não era possível encontrar-se com a luz de Deus nem adorar verdadeiramente. Somente se deslocando para a periferia puderam, de fato, experimentar o Deus que tanto buscavam. O Templo perdeu seu sentido, Deus já não habita nele; é necessário retirar-se para a periferia, inserir-se na comunidade e, as-

sim, adorar e experimentar a beleza desse Deus que quer apenas misericórdia e amor, e não mais sacrifícios.

Em Belém, os magos contemplam o recém-nascido e, prostrados, adoram-no (cf. v. 11). Essa atitude mostra que finalmente se saciaram, encontraram sentido para suas vidas e, portanto, esvaziaram-se de si, oferecendo seus dons: ouro, incenso e mirra. Esses presentes são uma síntese da identidade de Jesus, simbolizando, respectivamente, a realeza, a divindade e a condição humana sujeita à morte. Não ofereceram porque lhes fora exigido, mas porque se sentiram confortados e correspondidos.

O texto termina com uma afirmação de muita relevância para a comunidade cristã e para todas as pessoas de todos os tempos e lugares: os magos retornaram seguindo outro caminho (cf. v. 12). Para viver essa nova relação com Deus, é necessário desviar-se das antigas rotas e estruturas, representadas por Herodes e pelo Templo. Quem faz uma experiência autêntica com Deus segue outro caminho. Eles perceberam, finalmente, que Jerusalém só oferecia exploração, ganância e violência. A experiência autêntica com Deus faz o ser humano mudar a mentalidade e, conseqüentemente, o caminho a percorrer. Esse caminho significa o agir, o jeito de viver.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Deus sempre quis a harmonia entre todos os povos, pois sua palavra é luz que ilumina a todos, indistintamente. Jesus Cristo é a expressão máxima dessa luz. Quem se deixa iluminar por ele também se torna luz na vida do próximo, e isso se expressa com atitudes de tolerância, respeito às diferenças individuais e culturais, diálogo, acolhimento e a eliminação de todo tipo de preconceito. Como os magos, os cristãos são incansáveis caminheiros em busca da luz de Jesus.



BATISMO DO SENHOR

12 de janeiro

Jesus de Nazaré, ungido por Deus para fazer o bem

I. INTRODUÇÃO GERAL

Com a festa do Batismo de Jesus, que conclui o tempo do Natal, a Igreja celebra mais uma epifania, mais uma manifestação de Deus, desta vez apresentando Jesus como o Filho amado, enviado para salvar a humanidade e, assim, reconciliar a criação inteira com seu Criador. O batismo de Jesus é o momento inaugural do seu ministério messiânico. Ele não necessitava passar por esse rito, pois não tinha pecado, e João pregava um “batismo de conversão”, destinado aos pecadores. Jesus submeteu-se ao batismo em solidariedade à humanidade pecadora, como fez no cumprimento de toda a Lei.

A ênfase desta liturgia é a apresentação de Jesus como o enviado de Deus para realizar seu projeto de salvação. A primeira leitura apresenta a figura do “Servo do Senhor”, eleito e enviado por Deus para promover a justiça no mundo. Sustentado pela força do Espírito, esse Servo cumprirá sua missão com fidelidade, rejeitando toda forma de violência e voltando-se para os mais necessitados: cegos, encarcerados e oprimidos em geral. A missão do Servo prefigura a missão de Jesus, aquele que é mais que servo, pois é o “Filho amado”, no qual o Pai pôs todo o seu agrado e confiança, como mostra o evangelho. A segunda leitura é uma síntese da missão de Jesus, iniciada depois do batismo: ungido com o Espírito Santo, ele fez somente o bem por onde passou, libertando os oprimidos e vencendo todo tipo de mal.

Ao recordar e celebrar o batismo de Jesus, recordamos também nosso próprio batismo, mediante o qual somos chamados

a continuar a missão de Jesus no mundo, fazendo o bem como ele fez e praticando a justiça que agrada a Deus.

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura: Is 42,1-4.6-7

A segunda parte do livro de Isaías, chamada de “Livro da consolação” (Is 40-55), é obra de um profeta anônimo, denominado “Segundo Isaías”, que exerceu seu ministério na Babilônia, no final do exílio. A primeira leitura deste dia é retirada dessa obra, especificamente do trecho que corresponde ao primeiro dos quatro cânticos do “Servo do Senhor”.

O texto apresenta, antes de tudo, a iniciativa de Deus: é ele quem escolhe, chama, envia seu Servo para realizar seu projeto de salvação no mundo, começando pela implantação da justiça, e o torna luz das nações (cf. vv. 1.6). Julgar as nações, aqui, não significa condená-las, mas oferecer-lhes a justiça de Deus, até então conhecida somente por Israel e agora manifestada também a todos os povos. A maneira de o Servo estabelecer a justiça no mundo é descrita nas formas negativa e afirmativa (cf. vv. 2-4). Ao descrever a missão do Servo, o profeta está também denunciando as práticas abusivas de todos os sistemas de dominação que fazem uso da força e da violência.

O Servo do Senhor é um agente de paz: não se impõe pelo grito (cf. v. 2) e não usa a força sequer para “quebrar uma cana rachada, nem para apagar um pavio que ainda fumeja” (v. 3), expressão que significa a mansidão. Por meio da missão do seu Servo, Deus quer instaurar nova ordem no mundo, marcada pela justiça, solidariedade e amor. Os destinatários primeiros da missão do Servo são os mais necessitados, representados pelas figuras dos cegos e encarcerados (cf. v. 7), como síntese dos preferidos de Deus em todas as épocas. Sus-



tentado pelo Espírito e pelo poder de Deus (cf. vv. 1.6), o Servo cumprirá sua missão com perseverança e fidelidade, até que toda a humanidade conheça a justiça e a verdade divinas (cf. v. 3-4).

A identidade do Servo é misteriosa; provavelmente é a figura do próprio Israel personificado, especificamente o resto do povo que sobreviveu ao exílio e se manteve fiel à aliança com Deus. Os primeiros cristãos identificaram o Servo da profecia com Jesus, o Filho amado de Deus.

2. II leitura: At 10,34-38

A segunda leitura é um trecho do discurso de Pedro na casa de Cornélio, o primeiro pagão aceito oficialmente no cristianismo sem passar pelo rito judaico da circuncisão, junto com toda a sua família. O discurso começa com uma declaração solene de Pedro, mostrando que ele compreendeu que a proposta de salvação de Deus realizada por Jesus é destinada a todas as pessoas, sem distinção de raça, cultura e religião (cf. vv. 34-35).

A conclusão de Pedro de que Deus não faz distinção de pessoas (cf. v. 34) é fruto de reflexão pessoal e de revelação divina (cf. At 10,9ss). A única exigência para alguém tornar-se agradável a Deus é o temor e a prática da justiça (cf. v. 35). Temor a Deus não é medo, mas o reconhecimento da sua soberania; é a aceitação de que somente no seu Reino o ser humano encontra vida em plenitude e esse Reino começa já na terra. Praticar a justiça é fazer a vontade de Deus, e esta consiste em gestos concretos de solidariedade em favor dos mais necessitados. Deus se agrada, portanto, de quem faz o bem, independentemente da religião ou da cultura às quais pertença.

Da declaração sobre a imparcialidade de Deus, Pedro passa ao anúncio do querigma, apresentando Jesus Cristo como o Senhor de todos os povos, embora Israel tenha

Sujeitos no mundo e na Igreja

João Décio Passos (org.)



344 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A Nova Evangelização passa pela ação missionária, que prepara verdadeiros discípulos de Jesus Cristo no mundo e para o mundo. Nesse sentido, cresce na Igreja do Brasil o interesse de Dioceses pela criação dos Conselhos Diocesanos de Leigos, visando aprofundar sua identidade e atuação. É preciso juntar forças, unir-se na mesma ação evangelizadora, partilhando sonhos e desejos, convocando todos os batizados para uma reflexão sobre a missão da Igreja não apenas para os leigos, mas com os leigos.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



sido o primeiro destinatário da sua Boa-Nova (cf. v. 36); em seguida, ele faz uma retrospectiva, realizando a mais completa síntese da vida de Jesus em todo o Novo Testamento (cf. At 37-42), embora a leitura contemple apenas os primeiros versículos dessa síntese (cf. vv. 37-38). O batismo foi o ponto de partida do ministério de Jesus (cf. v. 37); ungido por Deus com o Espírito Santo, sua vida foi marcada pela prática do bem, libertando e curando quem padecia dos mais diversos males, incluindo as doenças, os preconceitos e todas as formas de ameaça à vida digna e plena (cf. v. 38).

A prática do bem foi a principal característica do ministério salvífico de Jesus; os pobres e marginalizados foram seus principais destinatários. Todos os batizados e batizadas recebem a missão de conformar-se a ele e, por isso, também devem fazer somente o bem.

3. Evangelho: Mt 3,13-17

O batismo marca a conclusão da vida oculta de Jesus em Nazaré e o início da sua vida pública. É um evento narrado pelos três evangelhos sinóticos (cf. Mt 13,13-17; Mc 1,9-11; Lc 3,21-22), o que atesta sua importância. A versão de Mateus, lida nesta liturgia, é, sem dúvida, a mais rica, como veremos a seguir. Além de ser o marco inaugural do ministério de Jesus, o batismo é um evento salvífico e programático. Nesta cena tão curta, o evangelista revela a identidade de Jesus e antecipa as principais diretrizes da sua missão.

Ao dizer que Jesus foi da Galileia para o Jordão a fim de ser batizado (cf. v. 13), o evangelista não pensa apenas num movimento físico, mas na essência da missão do Messias. Ora, o batismo de João era destinado aos pecadores, e Jesus não tinha pecado. Indo ao encontro de João para ser batizado, Jesus está sendo solidário com os pecadores de todos os tempos e antecipando

do quais serão os destinatários primeiros da sua missão: os pecadores, as pessoas mais necessitadas e marginalizadas, sobretudo pela religião.

Mateus é o único evangelista que relata o diálogo entre João e Jesus no momento do batismo (cf. vv. 14-15), e isso imprime uma riqueza ímpar à sua obra. Nesse diálogo, cada um reconhece a vocação e a missão do outro, e ambos se sentem inseridos num mesmo projeto de salvação. O protesto de João é o reconhecimento de que Jesus não tinha pecados e de que é ele o autor do verdadeiro batismo (cf. v. 14). As palavras de Jesus, suas primeiras no Evangelho de Mateus, contêm a síntese programática da sua missão: o verbo “cumprir” e o substantivo “justiça” (v. 15). Essas duas palavras sintetizam o projeto de salvação de Deus que Jesus veio realizar. “Cumprir” não significa simplesmente executar ações, mas levar à plenitude, fazendo bem-feito; “justiça”, biblicamente, é a conformidade à vontade de Deus, levando sempre em consideração sua predileção pelos pobres e marginalizados.

A abertura do céu e a descida do Espírito Santo pousando sobre Jesus (cf. v. 16) significam a comunhão plena entre o divino e o humano que o Cristo veio realizar; é a reconciliação entre o céu e a terra, ou seja, entre Deus e a humanidade pecadora. A voz do Pai que ressoa do céu é a confirmação disso (cf. v. 17). O Pai pôs seu agrado no Filho porque sabe que este realiza plenamente sua vontade. Toda a vida de Jesus foi caracterizada pela solidariedade e pelo amor, sobretudo para com os pecadores, e é nisso que consiste o cumprimento da justiça e da vontade do Pai.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Destacar a unidade entre as leituras: o projeto de salvação confiado ao Servo de Deus para fazer a justiça chegar a todos os



povos (I leitura) é plenamente realizado pelo Filho amado, que veio ao mundo para “cumprir toda a justiça” (evangelho). Jesus cumpriu toda a justiça, para o agrado do Pai, porque fez somente o bem por onde passou, promovendo sobretudo libertação e vida em abundância em favor dos mais necessitados (II leitura).

Recordar que a missão de todos os batizados é continuar a missão de Jesus, ou seja, fazer o bem e combater todos os tipos de preconceitos, já que Deus não faz distinção de pessoas.

2º DOMINGO DO TEMPO COMUM

19 de janeiro

Vimos ao mundo para fazer a vontade do Senhor

I. INTRODUÇÃO GERAL

Vocação e missão são os temas que a liturgia da Palavra evidencia neste domingo. Deus tem um projeto de vida plena para a humanidade e, para executá-lo, quis a participação e a colaboração humana, não por necessidade, mas por pura bondade. Por isso, ele escolhe, chama e envia.

A primeira leitura fala da vocação do Servo do Senhor, escolhido por Deus desde o ventre materno para reunificar o povo de Israel e ser luz para as nações. Na segunda leitura, temos indícios de duas vocações: a de Paulo, ao apresentar-se como “apóstolo de Jesus Cristo”, e a de todos os cristãos, especialmente os de Corinto, com a recordação do chamado comum e universal à santidade. O evangelho também fala de vocação e missão, embora de modo menos explícito do que nas duas leituras: a vocação de João, enquanto precursor, a quem foi concedido o dom de reconhecer Jesus como o “Cordeiro e Filho de Deus” e anunciar sua missão de “tirar o pecado do mundo”; a missão do próprio Jesus, sin-

tetizada nas palavras de João, ao aplicar-lhe a imagem do Cordeiro e reconhecê-lo como o Filho de Deus.

Como Escritura inspirada e performativa, esses textos não visam apenas contar ou descrever exemplos de vocação e missão, mas também devem ajudar-nos a encontrar e assumir nossa vocação e missão neste mundo, a fim de podermos dizer como o salmista: “Eis que venho, Senhor; com prazer, faço vossa vontade!” (Sl 39,8).

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura: Is 49,3.5-6

A primeira leitura é um trecho do segundo cântico do Servo do Senhor, um texto que remonta à época do exílio na Babilônia. Esse Servo, de identidade misteriosa, conta, simultaneamente, sua vocação e missão. Desde o ventre materno, foi escolhido pelo Senhor para cumprir, em primeiro lugar, a missão de reunir o povo de Israel disperso pelo mundo (cf. v. 5). No contexto do exílio, essas palavras servem como injeção de ânimo, alimentando a esperança do retorno do povo à terra prometida.

Na Antiguidade, o poder de uma divindade era medido pela prosperidade do país que a invocava. Com o aniquilamento de Israel – o Norte pela Assíria e o Sul pela Babilônia –, o que se colocava em questão era a potência e a glória do seu Deus. Por isso, em paralelo à restauração do povo enquanto nação, fala-se sempre da manifestação da glória do Senhor (cf. v. 5). Reunir Israel, ou seja, reconduzir o povo disperso e exilado ao país é apenas uma etapa da missão do Servo, e isso não basta. Sua missão consiste também em ser luz para as nações, para que a salvação chegue até os confins da terra (cf. v. 6).

A identidade do Servo é misteriosa, como já afirmamos. Ora ele é identificado como a personificação do próprio povo



de Israel (cf. v. 3) – ou seja, é uma personalidade corporativa –, ora deve cumprir uma missão em favor desse povo (cf. vv. 5-6). Pelas características universais de sua missão, pela predileção de Deus por ele e pelo cumprimento da obra, esse Servo é identificado pelos cristãos como prefiguração de Jesus.

2. II leitura: 1Cor 1,1-3

A segunda leitura compreende os primeiros versículos da primeira carta de Paulo aos Coríntios, cuja leitura será continuada nos próximos domingos. Essa é uma das suas cartas mais importantes e polêmicas. No trecho lido hoje, porém, as polêmicas ainda não aparecem, já que o texto contém somente a saudação do remetente aos destinatários. Apesar de curta, a leitura traz elementos muito importantes que devem ser evidenciados.

Apresentando-se como “apóstolo de Jesus Cristo” (v. 1), Paulo confirma sua vocação de escolhido por Deus e enviado para levar o evangelho, fonte de salvação, até os confins da terra. O termo “apóstolo” significa exatamente “enviado”; com isso, ele quer dizer que a mensagem não é sua, mas de Deus. Ao afirmar que os cristãos são “chamados a ser santos” (v. 2), Paulo quer dizer que há uma vocação primeira e essencial, destinada a todos os batizados: a santidade. Essa vocação à santidade consiste em assimilar os valores do evangelho, independentemente do exercício de um ministério ou função específica na comunidade.

Outro elemento que não pode passar despercebido nessa leitura é o conceito de Igreja exposto por Paulo ao chamar os cristãos à unidade, um dos mais belos de todo o Novo Testamento: a Igreja é “todos os que, em qualquer lugar, invocam o nome de nosso Senhor Jesus Cristo” (v. 2); invocar, aqui, não significa apenas pronun-

ciar o nome ou chamar, mas aderir pela fé, sentindo-se convocado a participar da assembleia, cuja adesão é outorgada pelo Espírito Santo por meio do batismo. Esse conceito exprime também a universalidade da salvação. É em Jesus Cristo, por meio da Igreja, assembleia de todas as pessoas chamadas à santidade, que a salvação chega até os confins da terra.

3. Evangelho: Jo 1,29-34

Assim como nas duas leituras, também o evangelho fala de vocação e missão, embora com mais discrição. Ainda no prólogo, o autor do Quarto Evangelho afirmou que “houve um homem enviado por Deus, cujo nome era João, para dar testemunho da luz” (Jo 1,6-7) – ou seja, de Jesus. Se João foi enviado para dar testemunho, significa que fora também chamado, escolhido. O evangelho deste dia corresponde a um trecho do seu testemunho.

Enquanto, nos sinóticos, João é caracterizado e conhecido mais pela sua atividade batizadora, no Quarto Evangelho ele se destaca pelo testemunho, e não propriamente por aquela atividade. Além disso, no evangelho joanino ele é chamado apenas de João, sem o nome funcional de Batista, utilizado na tradição sinótica.

O testemunho de João consiste no reconhecimento e anúncio da identidade de Jesus (Cordeiro; Filho de Deus) e da sua missão (tirar o pecado do mundo), tarefas nada fáceis, pois não havia traços que distinguíssem Jesus dos demais homens. Além disso, havia muitas concepções de messianismo na época, o que dificultava ainda mais; tanto que o próprio João foi confundido com o Messias, sendo alvo de interrogatório por isso (cf. Jo 1,19-24). Logo, o testemunho de João é fruto de sua experiência profunda com Deus (cf. v. 33).

Do testemunho de João, duas afirmações se destacam: a primeira é a de-



claração de que Jesus é “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (v. 29). Embora tenha ressonâncias vetero-testamentárias, essa expressão é única em toda a Bíblia: além de prefigurar a morte sacrificial de Jesus na cruz como cordeiro pascal, contradiz os ideais messiânicos e nacionalistas da época. Esperava-se um Messias forte e guerreiro, que viesse ao mundo para exterminar os pecadores por meio da força, da violência. A imagem do cordeiro, pelo contrário, evoca mansidão e paz.

No culto do Templo, eram as pessoas que ofereciam seus cordeiros a Deus como sacrifício. O testemunho de João anuncia um movimento inverso: é Deus quem oferece seu cordeiro – seu próprio Filho – à humanidade. Por isso, ele não apenas “expia” os pecados das pessoas, mas também tira o pecado do mundo. Esse pecado é a rejeição ao amor de Deus. “Tirar o pecado do mundo”, portanto, significa restabelecer a comunicação entre a humanidade e Deus; é a proposta de um mundo novo, cujas relações se dão somente pelo amor. Enfim, é a superação do mal que impede o estabelecimento do Reino de Deus no mundo.

Embora surpreendente e nova, a identificação de Jesus como “Cordeiro de Deus” poderia ser compreendida como mera repetição das profecias sobre o “Servo do Senhor”, como aquela da primeira leitura, por exemplo. Por isso, João vai mais além e, para não deixar dúvidas, afirma explicitamente que Jesus é o “Filho de Deus” (v. 34). Com essa afirmação, seu testemunho chega ao ápice: é a confirmação do cumprimento da sua missão de ser testemunha da luz.

Por ser o Filho de Deus, Jesus é o portador por excelência do Espírito Santo e o comunica a todos os que invocam seu nome.

Evangelizar com o Papa Francisco

Comentário à *Evangelii Gaudium*

Dom Benedito Bení dos Santos



64 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* tem o estilo e o cunho pessoal do Papa Francisco. Sobretudo, expressa seu humanismo personalista, que é o humanismo do Evangelho. Além do Concílio Vaticano II, outra fonte significativa dessa exortação é o *Documento de Aparecida*, de cuja elaboração o então cardeal Jorge Mario Bergoglio participou ativamente, na V Assembleia do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, em maio de 2007.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



III. PISTAS PARA REFLEXÃO

É importante enfatizar a relação temática entre vocação e missão nas três leituras, bem como a sequência histórico-salvífica em ambas: o universalismo da salvação sempre esteve nos propósitos de Deus, como atesta a designação do Servo para ser luz das nações (I leitura). No entanto, somente em Cristo esse plano encontra seu cumprimento, pois ele “tira o pecado do mundo”, uma vez que é mais que servo, é o Filho de Deus (evangelho). Por extensão, “a Igreja de Deus em Corinto” e em todos os lugares (II leitura) é uma demonstração concreta de que, em Cristo, a salvação chega até os confins da terra.

Como assembleia reunida “em nome de nosso Senhor Jesus Cristo”, onde quer que esteja, a Igreja deve ser testemunha autêntica do Cordeiro, contribuindo para que desapareçam do mundo os sinais de pecado que impedem a vida em abundância para todos, como a violência, as injustiças, os preconceitos, as divisões e todo tipo de mal.

Independentemente da especificidade da missão de cada um(a), todas as pessoas são chamadas por Deus a uma vocação comum: a santidade. Esse chamado coincide com o compromisso de empenhar-se contra o mal enraizado nos corações e nas estruturas do mundo.

3º DOMINGO DO TEMPO COMUM

26 de janeiro

Em Jesus, o Reino dos Céus irrompe como luz

I. INTRODUÇÃO GERAL

O centro da liturgia da Palavra desta celebração é a inauguração do ministério de Jesus na Galileia, conforme o relato de Mateus. Esse acontecimento compreende o início do anúncio do Reino dos céus,

com a exigência de conversão, o chamado dos primeiros discípulos como colaboradores da sua missão e pequena síntese da sua atividade libertadora. Mateus e sua comunidade interpretaram isso como o cumprimento da profecia de Isaías, que anunciou, quase oito séculos antes, o surgimento de uma grande luz iluminando a marginalizada e sofrida Galileia, região que tinha acabado de cair nas mãos do império assírio e vivia uma situação de trevas. Por isso o evangelho se harmoniza tão bem com a primeira leitura. De fato, o anúncio e o fazer acontecer do Reino dos céus por Jesus, com sua coerência e liberdade, são como uma luz brilhando nas trevas, ou seja, têm um efeito transformador maravilhoso.

O Reino dos céus, no entanto, pode ser ofuscado e deixar de brilhar como luz quando nas comunidades há divisões e rivalidades. Isso ocorre quando Cristo deixa de ser o centro da vida das pessoas e das comunidades. A segunda leitura mostra que isso estava acontecendo na comunidade de Corinto e indica como Paulo procurou resolver esse problema. O Reino se manifesta e nós vemos a luz de Cristo somente quando ele mesmo é o centro da nossa existência. Por isso a conversão é indispensável!

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura: Is 8,23b-9,3

A primeira leitura é um oráculo messiânico do final do século VIII a.C., quando Israel do norte, território correspondente à região da Galileia, tinha sido invadido e dominado pelo exército assírio. Além de levar parte da população local como escrava, os assírios trouxeram povos estrangeiros para viver em Israel, principalmente nas tribos de Zabulon e Neftali, introduzindo ali costumes e cultos pagãos. Por isso, aquela região ficou conhecida



como “Galileia das nações ou dos pagãos” (8,23b). Com uma linguagem poética e simbólica, o profeta Isaías anuncia a transformação daquela realidade caótica, mostrando o agir restaurador de Deus com diversas imagens.

O drama vivido pelas tribos mencionadas e por toda a região equivalia a um mundo de trevas, o que, na linguagem bíblica, corresponde à ausência de vida e de Deus. A luz, o primeiro elemento criado por Deus para tirar o universo do caos primordial (cf. Gn 1,3), é a primeira imagem empregada pelo profeta para anunciar a restauração (cf. 9,1). A passagem das trevas à luz é marcada pela alegria, expressa com duas imagens que simbolizam a prosperidade de uma nação: a alegria dos ceifeiros na colheita e a festa dos guerreiros após vencer uma batalha (cf. 9,2). Por último, o profeta aponta a liberdade como coroamento da restauração de Israel, vendo os instrumentos de opressão serem quebrados (cf. 9,3) e comparando esse evento com a vitória de Gedeão sobre os madianitas (cf. Jz 7,16-21).

O oráculo do profeta, portanto, apresenta a confiança em um Deus que não abandona seu povo, por mais que este não lhe seja plenamente fiel e passe por momentos difíceis ao longo da história. A luz anunciada pelo profeta brilhou de modo definitivo e claro em Jesus, o libertador por excelência.

2. II leitura: 1Cor 1,10-13.17

Embora reconhecida pela sua diversidade de ministérios e carismas, a comunidade de Corinto tinha sérios problemas internos. A segunda leitura mostra alguns desses problemas, como Paulo ficou sabendo deles (cf. v. 11) e como procurou resolvê-los. O primeiro problema tratado pelo apóstolo foi a divisão dos cristãos em diversos grupos ou partidos, atraídos pela simpatia

ou pelas habilidades retóricas do pregador. Por isso, “em nome de nosso Senhor Jesus Cristo”, Paulo exorta os cristãos da comunidade à concórdia, implorando que superem as divisões entre si para recuperar a unidade (cf. v. 10).

As divisões acontecem quando o Cristo crucificado e ressuscitado, o único que deu a vida para nos salvar, deixa de ser o centro da vida comunitária. Equivocadamente, os cristãos daquela comunidade imaginavam pertencer ao apóstolo ou ao pregador por meio do qual lhes tinha chegado o anúncio do evangelho ou que lhes tinha administrado o batismo, e não a Cristo (cf. v. 12). Isso é inconcebível, pois é Cristo quem foi crucificado e é no nome dele que os cristãos são batizados. Quem salva não é o ministro que administra o batismo, nem o pregador, mas somente Cristo.

Os pregadores são meros instrumentos, e Paulo tinha clara consciência disso. Com efeito, partindo do seu próprio exemplo, ele recomenda que os pregadores não ponham a confiança nas próprias habilidades retóricas, para que a adesão à fé seja motivada somente pela força do Cristo crucificado e ressuscitado, pois o uso de muitos recursos pode ofuscar o valor e o poder que a Palavra de Deus contém por si mesma (cf. v. 17).

A comunidade cristã é o corpo de Cristo, e toda vez que acontecem divisões entre os cristãos, é o próprio Cristo que está sendo dilacerado. É preciso manter a unidade e a harmonia, o que requer muito compromisso, tanto das lideranças quanto dos membros da comunidade em geral.

3. Evangelho: Mt 4,12-23

O evangelho apresenta o início da missão de Jesus na Galileia. A prisão de João Batista é o sinal de que é chegada a hora de Jesus entrar em cena e apresentar sua mensagem libertadora (cf. v. 12). Como



as tradições judaicas estão fortemente enraizadas na comunidade de Mateus, o evangelho faz questão de apresentar Jesus como o realizador das profecias do Antigo Testamento. Assim, introduz a missão de Jesus como o cumprimento da profecia de Isaías lida na primeira leitura.

O início na Galileia indica, antes de tudo, quem são os primeiros destinatários da sua mensagem: as pessoas excluídas e marginalizadas. A população dessa região periférica era considerada semipagã, devido à introdução de povos estrangeiros ali, durante a dominação assíria. Embora tivessem se passado quase oito séculos, os galileus, para o judaísmo oficial, eram gente desprezível, adepta de costumes sincréticos e pouco ortodoxos. É a esse povo que Jesus se manifesta primeiro.

A mensagem de Jesus consiste no anúncio do Reino dos céus, o que os demais evangelistas chamam de Reino de Deus. Mateus prefere chamá-lo de “Reino dos céus”, expressão que se repete 32 vezes ao longo do livro. Esse Reino é dos céus porque sua fonte originária é o amor de Deus, mas não se trata de uma proposta ou promessa de vida para o além. É um projeto de mundo que consiste em novas relações, baseadas na justiça, no amor, no perdão, na solidariedade e no serviço. É um ideal de mundo marcado por igualdade e fraternidade, sem nenhum tipo de preconceito. O anúncio do Reino é acompanhado do convite à conversão, o que significa mudança radical de mentalidade. De fato, é necessária nova mentalidade para assimilar um projeto de mundo tão inclusivo e inovador.

Para um povo oprimido pela dominação romana e desprezado pela religião oficial, o judaísmo da época, essa mensagem só poderia ser interpretada como luz brilhando nas trevas. Jesus diz que o Reino “está próximo” porque ele mesmo é o

Reino em pessoa. A expressão “está próximo” não se refere à temporalidade do Reino, mas exprime sua materialidade, sua realização concreta, manifestada pelo estilo de vida de Jesus e pelos sinais por ele realizados: curas das doenças e enfermidades do povo (cf. v. 23).

O chamado imediato dos primeiros discípulos evidencia a urgência do Reino e sua simplicidade. Jesus chama pessoas comuns, envolvidas nos afazeres cotidianos: no caso, pescadores, que se dedicavam a lançar as redes ao mar e consertá-las (cf. vv. 18.21). Ao chamar, confere uma missão: ser “pescadores de homens” (v. 19). Essa expressão não pode ser usada para justificar proselitismos e abusos de poder, mas é necessário compreender seu sentido mais profundo. O mar era considerado a morada do mal, de acordo com a mentalidade bíblica. Era sinal de perigo e de morte. Ser pescador de homens, portanto, significa empenhar-se para tirar as pessoas das situações de negação da vida digna, consiste em promover a libertação de quem vive em situações de opressão, seja esta socioeconômica ou ideológica, incluindo a religiosa. Enfim, é oferecer o amor vivificador de Deus a todos, começando pelos mais necessitados. Essa é a missão dos batizados e batizadas de todos os tempos, de quem acredita na força do amor!

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

É importante enfatizar o Reino como centro da mensagem de Jesus, apresentando a Igreja como a responsável para que esse Reino continue a se manifestar como luz na vida das pessoas, no hoje da história. O evangelho de Jesus Cristo é palavra viva e eficaz, com força em si mesma, mas essa força pode ser ofuscada pelas incoerências da comunidade, como as vaidades das lideranças, as divisões e rivalidades que às vezes surgem entre os



diversos movimentos e grupos. Cabe trabalhar a unidade entre os membros da comunidade como critério de pertença a Jesus e à Igreja.

APRESENTAÇÃO DO SENHOR

2 de fevereiro

Jesus é luz e salvação do mundo

I. INTRODUÇÃO GERAL

Quarenta dias após o Natal, a Igreja celebra a festa da Apresentação de Jesus no Templo. Essa festa surgiu no século IV, no Oriente, sendo chamada de “festa do Encontro”. Foi introduzida no Ocidente no século VI, e no século X passou a ser uma festa mariana, com o título de “festa da Purificação da Bem-aventurada Virgem Maria”. A reforma litúrgica do Vaticano II restituiu seu sentido cristológico, dando-lhe o nome atual de “festa da Apresentação do Senhor”. No Oriente, ainda hoje é intitulada “festa do Encontro” e é celebrada 40 dias após a Epifania, em 14 de fevereiro.

Essa festa é muito significativa, e sua liturgia da Palavra possui uma riqueza ímpar. Na primeira leitura, o profeta Malaquias anuncia a vinda do Senhor ao Templo para purificar seu povo, começando pelos responsáveis pelo culto. O evangelho mostra a realização do anúncio profético: de fato, o Senhor veio, foi introduzido no Templo, mas não conforme às expectativas, pois sua introdução foi simples e discreta, só sendo reconhecido por pessoas perseverantes e dóceis ao Espírito Santo, como Simeão e Ana. A segunda leitura confirma a surpresa do evangelho: o Messias enviado, constituído sumo sacerdote, não é um ser extraordinário, mas um de nós: Deus quis que ele se fizesse em tudo semelhante a nós, exceto no pecado, para, experimentando nossas dores, aplicar sua infinita misericórdia.

Impulsos e intervenções

Atualidade da missão

Paulo Suess



168págs.

Imagens meramente ilustrativas.

Inovador e contemporâneo, o volume aponta para a atualidade da missão e para a necessidade da formação permanente dos missionários e missionárias, com temas missiológicos relevantes, desafios herdados e novas questões sobre o assunto.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura: Ml 3,1-4

A profecia de Malaquias remonta ao período do pós-exílio, quando o Templo de Jerusalém já tinha sido reconstruído e o culto restabelecido. Porém, a forma como o culto estava sendo praticado não correspondia à vontade do Senhor, pois não era acompanhado de obras de justiça. O profeta denuncia essa situação e promete uma intervenção direta de Deus para purificar seu povo, começando pelos agentes do culto. A primeira leitura anuncia essa intervenção, caracterizada pela visita do Senhor.

A intervenção de Deus anunciada pelo profeta comporta duas etapas: na primeira, será enviado um mensageiro (anjo) para preparar o caminho do Senhor (cf. v. 1a); a segunda etapa compreende a visita solene do próprio Deus ao seu Templo, por meio de um Messias enigmático, chamado ao mesmo tempo de “Dominador” e “anjo da aliança” (v. 1b). A missão do Messias é reatar a comunicação entre Deus e seu povo mediante um processo de purificação; as imagens do fogo do fundidor e da barrela dos lavadeiros ilustram essa missão (cf. v. 2). O fogo, aqui, tem uma função purificadora, e não destruidora, como em outras ocasiões. No fogo, os metais preciosos, como ouro e prata, recuperam o brilho original; a barrela, substância utilizada na lavagem de roupas, para tirar manchas e alvejar, tem função semelhante. Essa purificação consiste na eliminação das injustiças e na retomada de uma conduta ética adequada; os destinatários primeiros são os responsáveis pelo culto (cf. v. 3). Com os sacerdotes purificados, o culto por eles oferecido voltaria a agradar a Deus (cf. v. 4).

A apresentação de Jesus no Templo é interpretada pela liturgia do dia como o cumprimento da profecia de Malaquias, embora o menino Jesus tenha características completamente diferentes do Messias anunciado pelo profeta.

2. II leitura: Hb 2,14-18

Além de mostrar que Jesus é o enviado de Deus, a segunda leitura ensina que somente nele a comunhão entre Deus e a humanidade foi plenamente restabelecida, pois é o único mediador perfeito, o sumo sacerdote por excelência (cf. Hb 4,14; 7,11). Por sinal, a carta aos Hebreus é o único livro do Novo Testamento que apresenta explicitamente Jesus como sumo sacerdote, sendo esse seu tema principal.

A mediação realizada por Jesus é perfeita, porque, sendo Filho de Deus e possuidor da natureza divina, ele assumiu plenamente “a carne e o sangue” (v. 14), expressão que significa a condição humana em sua totalidade, com as fragilidades e limites. Tornou-se semelhante a nós em tudo, exceto no pecado (cf. Hb 4,15). Experimentou a morte para vencê-la e destruir quem tinha poder sobre ela (cf. v. 14) e, assim, libertar os que a ela estavam sujeitos como escravos (cf. v. 15). Ele não veio ao mundo para ser solidário com os anjos, mas com a descendência de Abraão (cf. v. 16), ou seja, com a humanidade pecadora, e redimi-la com sua morte na cruz.

O sumo sacerdócio de Jesus, portanto, é perfeito, pois, como ele experimentou o sofrimento e as fragilidades humanas, sendo até tentado, é capaz de socorrer misericordiosamente a humanidade em suas necessidades (cf. vv. 17-18). Graças a ele, o gênero humano foi purificado e reconciliado para sempre com o Pai.

3. Evangelho: Lc 2,22-40

O evangelho apresenta uma das cenas mais significativas de todo o “evangelho da infância” de Lucas (Lc 1-2), o que justifica a existência e o título desta festa. Mais do que a crônica de um fato da infância de Jesus, o episódio descrito é uma revelação da sua identidade messiânica, enquanto enviado de Deus para salvar e iluminar o mun-



do. Os pais de Jesus vão a Jerusalém para cumprir uma prescrição da Lei de Moisés (cf. v. 22), o que evidencia sua inserção na história como membro de uma família e de um povo concreto. O evangelista, porém, faz desse fato apenas um pretexto para revelar algo muito maior.

O preceito da purificação era aplicado apenas à mãe: 40 dias após o parto, se a criança fosse menino, e 80 dias, se fosse menina (cf. Lv 12,1-8). Ao inserir Jesus na cena, o evangelista ressalta seu protagonismo. Para esse rito, exigia-se a oferta de um cordeiro para o sacrifício; quando a família era pobre, poderia oferecer um par de rolas ou dois pombinhos, como fizeram José e Maria (cf. v. 24). Essa oferta é um sinal que antecipa a preferência de Jesus pelos pobres. Durante todo o seu ministério, os pobres serão os primeiros destinatários da sua mensagem libertadora. A Lei não prescrevia a apresentação da criança; para a consagração do primogênito (cf. v. 23; Ex 13,2), exigia-se apenas o pagamento do seu resgate (cf. Ex 13,12-13; 34,19-20). Ao dizer que Jesus foi apresentado no Templo, Lucas quis enfatizar sua pertença ao Pai e a disponibilidade de Maria e José, que ofereceram o filho ao Senhor.

Uma vez que Jesus é introduzido no Templo, os ritos já não são descritos. O que toma conta da cena é o inesperado encontro com dois anciãos que reconhecem na criança o cumprimento de todas as promessas de Deus ao seu povo, Israel: Simeão e Ana (cf. vv. 25-38). Ambos são imagens do resto de Israel que permaneceu fiel às promessas divinas, no qual se destacam, sobretudo, os pobres. Sendo justo e piedoso, Simeão era sensível ao Espírito Santo (cf. v. 25), por isso reconheceu em Jesus a salvação em pessoa, a glória de Israel e a luz que ilumina todos os povos da terra (cf. vv. 29-33). Reconhecendo Jesus como luz e salvação do mundo, Simeão prevê as con-

sequências da sua missão: ser sinal de contradição e queda para muitos em Israel (cf. v. 34). Cada pessoa deve tomar uma posição pró ou contra o evangelho; por ser uma mensagem essencialmente libertadora, que visa à promoção da justiça, à inclusão e ao direito dos pobres, muitos o rejeitarão.

O papel de Ana é semelhante ao de Simeão (cf. v. 34). Ela pertencia à tribo que ficava mais distante de Jerusalém, a tribo de Aser, no extremo norte da Galileia, cuja população era considerada quase pagã pelos chefes do Templo. Ao mencioná-la, Lucas enfatiza a importância da mulher e de todos os excluídos na nova história que se inaugura com a vinda de Jesus ao mundo. Sua idade é simbólica: 84 anos, resultado de 12 x 7; o número doze é imagem de Israel, sete significa perfeição (cf. v. 37). Ana é, portanto, a imagem do Israel perfeito que soube esperar a libertação e teve a capacidade de reconhecer o Salvador numa criança simples e de pais pobres, o que os chefes de Israel não foram capazes de fazer. Por isso, seu louvor é perfeito e sincero (cf. v. 38).

O pai e a mãe de Jesus, maravilhados com o que tinham escutado (cf. v. 33), voltam para Nazaré, para o cotidiano da vida (cf. v. 39), assistem ao crescimento do menino e percebem a graça de Deus sobre ele (cf. v. 40). Do encontro do menino com Ana e Simeão no Templo brota a certeza de uma mudança radical na história: finalmente, os pobres são os primeiros, e a luz de Deus, antes monopólio de um povo, agora é destinada a todas as nações da terra.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

A festa deste dia é a verdadeira conclusão do Natal e uma antecipação da Páscoa. A oferta de Jesus a Deus, feita por Maria e José, prefigura sua oferta pessoal e seu sacrifício na cruz para a salvação do mundo. As leituras enfatizam o Templo como espaço de encontro com o Senhor, e o culto como



meio de comunicação imprescindível entre Deus e seu povo. É importante chamar a atenção para uma vida litúrgica ativa, sem se descuidar dos elementos que tornam o culto agradável a Deus: a justiça e a solidariedade para com os mais necessitados. A fé em Jesus exige tomadas de posição radicais, cujas consequências podem ser dolorosas, como Simeão anunciou a Maria.

5º DOMINGO DO TEMPO COMUM

9 de fevereiro

A missão do cristão é dar sabor ao mundo e iluminá-lo

I. INTRODUÇÃO GERAL

Com as imagens do sal e da luz, a liturgia deste dia define a missão dos discípulos e discípulas de Jesus no mundo: dar sabor e iluminar. Essas imagens estão mais evidentes no evangelho, sendo utilizadas explicitamente por Jesus, mas encontramos ecos e ressonâncias também nas outras duas leituras, sobretudo na primeira, que também emprega a imagem da luz.

Ao povo que imaginava agradar a Deus com práticas penitenciais como o jejum, o autor da primeira leitura faz uma advertência: se não estiver acompanhada de ações concretas em favor dos mais necessitados, essa prática é inútil. A luz de Deus só é refletida na vida de uma pessoa quando esta é praticante da justiça e do bem. A advertência do profeta está claramente em sintonia com o evangelho, no qual Jesus declara que seus seguidores são “sal da terra” e “luz do mundo”. Jesus confere uma responsabilidade ímpar aos seus discípulos, indicando que a construção do Reino de Deus neste mundo depende essencialmente da coerência de vida deles. A segunda leitura traz o testemunho de um cristão que assumiu radicalmente a missão de ser sal da terra e luz do mundo. É o caso de Paulo, que fez

de tudo para refletir na própria vida a luz de Cristo e dar sabor ao mundo, em uma comunidade marcada por divisões e vaidades, como a de Corinto.

Damos sabor ao mundo e o iluminamos, portanto, quando fazemos das opções de Deus as nossas, praticando o bem e anunciando integralmente o evangelho de Jesus Cristo, o crucificado e ressuscitado, mesmo que isso pareça loucura para o mundo (cf. 1Cor 1,23).

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura: Is 58,7-10

A terceira parte do grande livro de Isaías (Is 56-66), chamada de “Terceiro Isaías”, é uma obra anônima do pós-exílio (século V a.C.). A primeira leitura, retirada dessa obra, apresenta algumas advertências do profeta sobre a vida religiosa do povo, que tinha retornado do exílio da Babilônia. O que está em questão é a prática do jejum (cf. Is 58,1-12). O povo acreditava que bastava jejuar e cumprir ritos penitenciais para agradar a Deus e, consequentemente, atrair seus favores. O profeta, no entanto, pensava diferente.

O que agrada a Deus é que sua vontade seja feita, e esta não consiste em práticas penitenciais ou ritos, mas em obras de justiça e amor em favor dos mais necessitados, como o profeta recorda: “Reparte o pão com o faminto, acolhe em casa os pobres e peregrinos. Quando encontrares um nu, cobre-o” (v. 7). É nas necessidades mais básicas e elementares do próximo que o amor deve se manifestar, e é esse tipo de jejum que Deus espera do seu povo. Não basta, porém, praticar o bem para agradar a Deus; é necessário igualmente não ser conivente com nenhum tipo de mal e exploração. Por isso, o profeta recomenda também que sejam destruídos os instrumentos de opressão e sejam evitadas atitudes como a prepotência e a difamação (cf. v. 9).



Somente quem age dessa forma pratica um culto agradável a Deus e se torna reflexo da sua luz (cf. vv. 8.10b). As práticas religiosas não são ruins, mas não têm sentido se não são acompanhadas de uma vida coerente e atenta às necessidades do próximo. Embora empregue somente a imagem da luz, o texto profético antecipa, ao menos parcialmente, a mensagem de Jesus no evangelho do dia.

2. II leitura: 1Cor 2,1-5

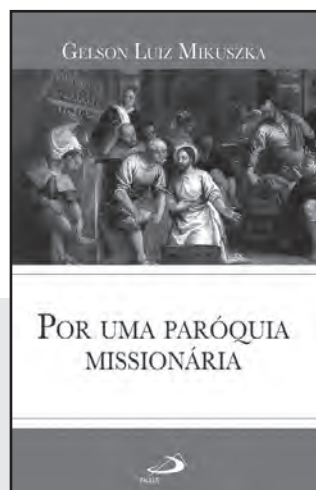
Paulo é exemplo de quem assimilou a identidade e a missão cristã de ser sal da terra e luz do mundo. É incontestável seu esforço para refletir na própria vida a luz de Cristo e dar sabor ao mundo pelo testemunho. A segunda leitura é uma demonstração disso. Nela, o apóstolo recorda as bases da sua experiência evangelizadora na comunidade de Corinto.

Como afirmamos há dois domingos, essa comunidade enfrentava sérios problemas, devido às divisões e rivalidades que estavam sendo alimentadas entre seus membros, o que punha em risco a eficácia do anúncio. Após a saída de Paulo, surgiram lá novos pregadores que depositavam maior confiança em suas habilidades retóricas do que no conteúdo, o evangelho de Jesus Cristo, e isso dividia os cristãos em diversos partidos, pois se deixavam atrair pela retórica do pregador, e não pelo Cristo crucificado (cf. 1Cor 1,10-13.17). Corinto era uma grande cidade grega e nela a sabedoria humana era cultuada e propagada por diversas correntes filosóficas, o que gerava resistências à aceitação de um Deus com aparências tão frágeis, como Jesus crucificado. Diante disso, alguns pregadores procuravam adequar a pregação à sabedoria humana por meio da retórica, fazendo a cruz passar quase despercebida no anúncio.

Essa situação era intolerável para Paulo. Por isso, ele recorda sua experiência,

Por uma paróquia missionária

Gelson Luiz Mikuszka



176 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

A paróquia é célula viva da Igreja e lugar onde a maioria dos fiéis faz sua experiência eclesial com Cristo. Para que o papel evangelizador dessa grande e histórica instituição alcance cada vez mais êxito, foram reavivados, neste livro, alguns debates surgidos na Conferência de Aparecida, que desafiou a Igreja na América Latina a fazer de cada comunidade eclesial "um poderoso centro irradiador da vida".

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



afirmando que não recorreu aos artifícios da linguagem nem à sabedoria humana (cf. v. 1), pois tais elementos poderiam ofuscar o conteúdo e, conseqüentemente, tornar despercebido o poder do evangelho e da cruz. Ao ministro do evangelho não interessa outro conteúdo senão estes quatro elementos básicos, sobre os quais Paulo construiu sua experiência evangelizadora: o mistério de Deus (cf. v. 1), Jesus Cristo crucificado (cf. v. 2), o poder do Espírito (cf. v. 4) e o poder de Deus (cf. v. 5).

Para que a evangelização seja autêntica, o pregador deve renunciar a qualquer sinal de vaidade ou busca de reconhecimento, pois as pessoas não podem ser atraídas pelas suas habilidades, mas somente pelo Cristo. Com essa consciência, Paulo ensina como assimilou tão bem sua missão de ser sal e luz.

3. Evangelho: Mt 5,13-16

Iniciamos hoje a leitura do “discurso da montanha” (Mt 5-7), cuja parte inicial, correspondente às bem-aventuranças (5,1-12), foi saltada, devido à festa da Apresentação do Senhor, celebrada no domingo passado. O trecho que lemos nesta liturgia é sua continuidade. Vale a pena recordar que as bem-aventuranças são o núcleo central de toda a mensagem de Jesus, retratam seu estilo de vida e constituem o programa que ele propõe também aos seus discípulos.

Empregando as imagens do sal e da luz, Jesus fala da missão dos discípulos e do efeito transformador deles no mundo, se viverem efetivamente as bem-aventuranças. De fato, da vivência das bem-aventuranças depende a instauração do Reino que ele oferece como alternativa a um mundo marcado por injustiças, egoísmo, corrupção, violência e todo tipo de mal. Esse Reino só pode se concretizar quando as pessoas, começando pelos discípulos, assumirem um estilo de vida semelhante ao de Jesus, ou seja, puserem em prática o programa das bem-aventuranças.

O sal é um elemento essencial para a vida e pode ser utilizado para diversas funções, porém as principais são dar sabor e conservar. Os discípulos de Jesus, em sua maioria pescadores, compreendiam muito bem o impacto de uma afirmação como esta: “Vós sois o sal da terra. Ora, se o sal se tornar inosso, com que salgaremos?” (v. 13a). A atividade pesqueira utilizava bastante o sal para conservar os peixes para a comercialização. Os discípulos pescadores sabiam o problema que era um sal estragado. Seria um desastre total, todo o esforço da pesca seria perdido. Assim, além de dar sabor ao mundo, transformando realidades, os discípulos têm a função de conservar no mundo os valores do Reino. Esse sal, portanto, é o conjunto das bem-aventuranças, as quais só têm sentido e funcionalidade se forem vividas concretamente e de modo contínuo.

A imagem da luz atravessa toda a Bíblia e é mais fácil de ser compreendida, pois seu efeito é muito mais visível. O próprio Mateus apresentou a missão de Jesus na Galileia como a irrupção de uma grande luz que iluminava quem estava nas trevas (cf. Mt 4,16). Ao dizer aos discípulos “Vós sois a luz do mundo” (v. 14), Jesus está compartilhando com eles sua própria vida e missão, e indicando-lhes a responsabilidade de, pelo testemunho, tornarem acesa como a luz a presença deles no mundo. Os dois exemplos ilustrativos, a cidade sobre o monte e a lâmpada acesa no candeeiro (cf. v. 15), só reforçam a responsabilidade dos discípulos e dos cristãos de todos os tempos: manter o mundo iluminado por Jesus e pelo seu evangelho, cuja síntese está nas bem-aventuranças.

Concluindo, Jesus adverte: os cristãos não podem buscar reconhecimento pessoal pelas boas obras que realizam. Quem tem de ser louvado é o Pai celestial (cf. v. 16).



III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Destacar a relação entre as três leituras e o apelo ao testemunho que elas fazem: não tem sentido uma prática religiosa marcada por muitas devoções e poucos gestos de amor em favor dos mais necessitados (I leitura); os seguidores de Jesus têm a responsabilidade de transformar o mundo pelo anúncio e, sobretudo, pelo testemunho (evangelho); o anúncio, para ser autêntico e credível, não pode ter a sabedoria humana como fundamento, e sim Jesus Cristo crucificado (II leitura). O cristão dá sabor ao mundo e o ilumina quando se conforma a Jesus, vivendo, como ele, as bem-aventuranças.

6º DOMINGO DO TEMPO COMUM

16 de fevereiro

Jesus é a sabedoria de Deus
e a plenitude da Lei

I. INTRODUÇÃO GERAL

A Lei de Deus foi dada como instrução para que, por meio dela, o ser humano encontre o caminho da felicidade, guiando sua existência com dignidade, liberdade e harmonia com o Criador e com o próximo. Passível de interpretações variadas, nem sempre essa Lei foi aplicada em benefício da liberdade e da vida. Por causa disso, Jesus tomou para si a responsabilidade de levá-la à plenitude (cf. Mt 5,17), corrigindo erros de interpretação transmitidos ao longo do tempo pelas lideranças religiosas de Israel.

A primeira leitura recorda que o ser humano é livre para escolher entre o bem e o mal, assim como para observar ou não os mandamentos. Deus não impõe, porém garante que, escolhendo observar seus mandamentos, o ser humano será feliz, o que é referendado pelo salmista (cf. Sl 118,1). Da forma como era aplicada na época de

Jesus, a Lei era um entrave para a instauração do Reino que ele veio inaugurar neste mundo, por isso a advertência aos discípulos que o evangelho traz: “Se vossa justiça não for maior do que a justiça dos mestres da Lei e dos fariseus, vós não entrareis no Reino dos céus” (Mt 5,20). Por justiça, aqui, entende-se a reta observação dos mandamentos, ou seja, da Lei.

Está claro, portanto, que Jesus propõe um jeito novo de interpretar a Lei de Deus e, conseqüentemente, de observá-la, dando-lhe sentido e cumprimento. Paulo recomenda, na segunda leitura, o que realmente importa na vida cristã: a busca pela sabedoria de Deus. Essa sabedoria é o próprio Jesus, único intérprete autêntico da Lei divina.

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura: Eclo 15,16-21

Retirada do livro do Eclesiástico, a primeira leitura recorda que o ser humano é livre para fazer escolhas, pois foi Deus mesmo quem lhe deu essa liberdade. Para demonstrar melhor seu ensinamento, o autor se serve de algumas imagens antagônicas, como água e fogo (cf. v. 17) vida e morte, bem e mal (cf. v. 18), como é típico da literatura sapiencial. Com isso, ele adverte que a liberdade humana comporta responsabilidades e as escolhas geram conseqüências: quem estender a mão na água se molhará, e quem a estender ao fogo se queimará (cf. v. 18); o mesmo vale para a escolha entre o bem e o mal. Pelas conseqüências do pecado, o ser humano está desautorizado a pecar, embora tenha liberdade para fazê-lo (cf. v. 21).

Entre as escolhas que o ser humano tem de fazer, está a observação ou não dos mandamentos de Deus. É importante recordar que o Senhor não os impõe, mas os apresenta como uma opção: “Se quiseres observar...” (v. 16). Os mandamentos



comportam, portanto, uma proposta de vida, um caminho que conduz à felicidade, pois são expressão da própria vontade de Deus. Observá-los ou não, contudo, é uma decisão pessoal, e isso vale para toda a Lei.

Junto com os mandamentos, o autor evoca a sabedoria e o poder de Deus, que tudo vê (cf. v. 19). Quem observar os mandamentos, portanto, atrairá sobre si o olhar de Deus, o que significa proteção e cuidado. Ao fazer confluir sabedoria e Lei, a primeira leitura nos prepara para a segunda e para o evangelho. As palavras de Jesus a respeito da Lei demonstram quanto esta é boa e não pode ser descartada nem reduzida.

2. II leitura: 1Cor 2,6-10

A segunda leitura mostra que Paulo continua defendendo a autenticidade e a coerência do seu ministério apostólico na comunidade de Corinto. Como a sabedoria humana, objeto da busca dos filósofos, era muito apreciada naquela cidade grega, alguns evangelizadores, depois de Paulo, tentaram adequar o anúncio cristão à linguagem filosófica, ou seja, à sabedoria deste mundo, ofuscando o poder e a glória da cruz. O trecho de hoje é uma contestação de Paulo a essa prática, com base no seu próprio exemplo, e um convite à busca da sabedoria de Deus, a única que vale a pena.

Antes de tudo, Paulo confessa que também falou de sabedoria em seu ministério, mas não da sabedoria deste mundo (cf. v. 6). Aliás, entre os “perfeitos”, é impossível não falar da sabedoria, pois ela é componente básica do anúncio. O termo “perfeitos”, aqui, não designa as pessoas melhores ou mais capacitadas, mas os cristãos maduros na fé, pessoas que reconhecem a sabedoria e o poder de Deus na fragilidade de um crucificado.

Para Paulo, a sabedoria de Deus não é apenas diferente, mas totalmente incompatível com a sabedoria deste mundo, pois não se manifesta em ações de aparência gloriosa, nem em discursos especulativos eloquentes, mas na cruz de Cristo. Essa sabedoria é misteriosa e oculta (cf. v. 7), é pouco atraente. Por isso, os “poderosos deste mundo” e qualquer pessoa que julga pelas aparências não chegam a conhecê-la (cf. v. 8).

Enfim, essa sabedoria de Deus, tão estimada por Paulo, é o próprio Jesus Cristo crucificado, a quem se dá adesão e se conhece por meio do Espírito Santo (cf. v. 10), que tudo sabe e revela aos que lhe são sensíveis. Como cristãos, não devemos buscar outra sabedoria senão essa.

3. Evangelho: Mt 5,17-37

Continuando a leitura do discurso da montanha, o evangelho apresenta o posicionamento de Jesus diante da Lei, com base em algumas questões específicas. Antes de tudo, ele esclarece: “Não vim para abolir (a Lei), mas para dar-lhe pleno cumprimento” (v. 17). Essa declaração é de fundamental importância, pois não só desmente qualquer tentativa de classificá-lo como um opositor ou inimigo da Lei, como imaginavam os fariseus e escribas, mas também denuncia que a Lei não estava sendo interpretada nem cumprida corretamente.

A interpretação que Jesus aplica à Lei no evangelho deste dia não é uma relativização; ao contrário, é uma exigência de seu cumprimento radical. Para os mestres da Lei e os fariseus daquele tempo, o cumprimento da Lei se resumia à observação minuciosa do que estava escrito; Jesus vai além e a torna ainda mais exigente. No entanto, propõe que seja interiorizada, que a adesão à Lei parta do coração, de modo que ela deixe de ser um peso na



vida das pessoas. Viver a Lei, nessa nova perspectiva, é uma exigência básica para entrar no Reino que Jesus oferece.

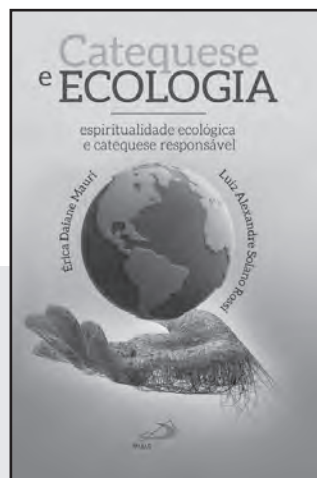
Segundo Jesus, não é necessário cometer homicídio para descumprir o mandamento que ordena: “Não matarás!” Deve-se evitar qualquer tipo de dano ao próximo, incluindo sentimentos e palavras, pois, na dinâmica do Reino, todos são irmãos, e a vivência dessa fraternidade tem prioridade até mesmo sobre o culto (cf. vv. 21-26). Sobre o mandamento que proíbe o adultério, Jesus adverte que o pecado não consiste somente na consumação do ato, mas os pensamentos e desejos, mesmo que não levem a nenhuma ação concreta, já constituem transgressão do mandamento (cf. vv. 27-30). A Lei permitia o divórcio em alguns casos (cf. Dt 24,1), mas era sempre favorável ao homem, deixando a mulher em desvantagem. Para manter a sacralidade do matrimônio como projeto de Deus, Jesus não reduz a culpabilidade da mulher, mas declara o homem igualmente culpável. Assim, ele promove e eleva a dignidade da mulher, tirando-a de uma condição de inferioridade em relação ao homem (cf. vv. 31-32).

O último aspecto tratado por Jesus diz respeito à legislação sobre os juramentos (cf. vv. 33-37). Nas sociedades onde prevalecia a cultura oral, como a de Israel, os juramentos tinham grande importância, tanto nas relações interpessoais quanto nas relações políticas e econômicas. Jesus descarta completamente a necessidade de juramentos, pois essa prática dá margem à existência de relações mais sinceras do que outras. Na comunidade do Reino, todas as relações devem ser sinceras e transparentes, e a verdade deve ser dita em qualquer situação. Por isso, não há necessidade de juramentos: todos devem confiar em todos reciprocamente, pois a base das relações é o amor fraterno.

Catequese e ecologia

Espiritualidade ecológica e catequese responsável

Érica Daiane Mauri e Luiz Alexandre Solano Rossi



240 págs.

Imagens meramente ilustrativas.

“Menos mestres, mais testemunhas; menos livros religiosos, mais Bíblia.” Eis algumas pistas que os autores deste livro sugerem, com a preocupação de promover no interior da Igreja a renovação que muitos invocam. Das reflexões aqui presentes nasceu um percurso em que o leitor, passo a passo, é colocado diante da realidade eclesial de hoje, sentindo-se estimulado a dar sua contribuição para a renovação da mensagem.

Vendas: (11) 3789-4000
0800-164011

paulus.com.br



Ao propor uma maneira nova de interpretar e cumprir a Lei de Deus, Jesus tem em vista a edificação do Reino. Para entrar no Reino, de fato, é necessário praticar uma justiça superior àquela dos mestres da Lei e dos fariseus (cf. v. 20). Para tanto, é necessário esquecer a Lei como um conjunto de normas e aceitá-la como um caminho de amor e liberdade, assimilando-a no coração. Somente assim ela alcança sua plenitude, que é o próprio Jesus, enquanto manifestação visível da sabedoria e do amor de Deus.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

É importante recordar, em primeiro lugar, que Deus nos criou para sermos felizes e que alcançamos a felicidade quando realizamos sua vontade em nossa vida. Os mandamentos de Deus são sinais da sua vontade. Criados para a liberdade, no entanto, não podemos nos deixar aprisionar por um conjunto de normas, pois isso contradiz o dinamismo e a imprevisibilidade da vida. Por conseguinte, é importante estarmos atentos às palavras de Jesus e às situações concretas do dia a dia; recordar os sinais da sabedoria de Deus nas comunidades, grupos e movimentos. Como participantes e edificadores do Reino, cabe-nos receber os mandamentos na ótica de Jesus, pois ele é a plenitude da Lei e a sabedoria de Deus.

7º DOMINGO DO TEMPO COMUM
23 de fevereiro

O caminho da santidade é o amor

I. INTRODUÇÃO GERAL

A liturgia deste dia enfatiza os temas da santidade e do amor. No início da primeira leitura, temos um solene convite de Deus ao povo de Israel: “Sede santos, porque eu, o vosso Deus, sou santo” (Lv 19,2).

No evangelho, Jesus estende esse convite a toda a humanidade, por meio dos discípulos. O ser humano se torna santo quando, em seu jeito de viver, se assemelha a Deus, cultivando sentimentos e praticando ações que correspondem à sua vontade. O caminho para isso é o amor – manifestado em atitudes de respeito, compreensão e solidariedade – e a rejeição a todas as formas de violência, ódio, rancor e preconceito.

A segunda leitura contém um lembrete importante de Paulo: a comunidade cristã é “santuário de Deus e morada do seu Espírito” (1Cor 3,16-23). Isso exige adesão plena dos cristãos para que esse santuário, enquanto construção, não venha a ruir. É necessário reconhecer-se como pertencente somente a Cristo, vivendo um amor semelhante ao dele, renunciando a qualquer sinal de glória ou sabedoria humana, mesmo que tal atitude pareça insensatez para o mundo. Isso habilita o ser humano a alcançar um estado de perfeição que é próprio do Pai celestial, mas, como ele é puro amor, compartilha sua perfeição também com seus filhos.

II. COMENTÁRIOS DOS TEXTOS BÍBLICOS

1. I leitura: Lv 19,1-2.17-18

Retirada de uma seção do livro do Levítico chamada de “código de santidade” (Lv 17-26), a primeira leitura se concentra basicamente no tema da santidade. Esse código é um conjunto de prescrições que dizem respeito a todas as dimensões da vida do povo de Israel, como o culto, as relações sociais e familiares e a moral. São consideradas exigências básicas para as pessoas alcançarem um estado de santidade próximo ao do próprio Deus.

Deus é o Santo por excelência, mas deseja que seu povo também seja caracterizado pela santidade (cf. v. 2), como sinal de pertença a ele e de distinção em relação aos outros povos. Por isso, propõe um caminho



capaz de conduzir seu povo à santidade, que consiste basicamente na maneira de lidar com o irmão (cf. vv. 17-18), tendo o amor ao próximo como ponto culminante (cf. v. 18). A santidade é concebida, portanto, como a construção e a vivência da fraternidade com base em relações sinceras, sem sentimentos de ódio, vingança ou rancor, sem nenhum sinal de violência (cf. v. 17). O amor ao próximo aqui proposto (cf. v. 18) é um passo importante da evolução teológica nas tradições de Israel. De fato, o amor, enquanto mandamento, era um sentimento dispensado exclusivamente a Deus; propor o amor ao próximo é um reconhecimento de que Deus está presente na vida do outro.

Esse trecho do Levítico revela, portanto, um amadurecimento na concepção de Deus, o que será continuado pelas tradições proféticas e aperfeiçoado por Jesus, pois, no contexto do Levítico, se entendia como “próximo” somente o compatriota, o irmão de raça, membro do mesmo povo. Jesus alargará esse horizonte, como mostra o evangelho do dia, ao exigir o amor até aos inimigos.

2. II leitura: 1Cor 3,16-23

Paulo continua a exortar os cristãos de Corinto a superar as divisões que estavam ameaçando a unidade daquela comunidade e pondo em risco o edifício sólido que ele, como apóstolo, tinha ajudado a construir. Por isso, emprega a expressão “santuário de Deus”, como imagem da comunidade cristã, para enfatizar que esta é o lugar privilegiado da morada de Deus e do seu Espírito (cf. v. 16) e, ao mesmo tempo, para ilustrar que ela é uma construção que exige a harmonia entre todos os seus membros para manter-se de pé.

As divisões internas comprometem a estabilidade desse santuário (cf. v. 17a), podendo levá-lo à destruição. A manifestação

da presença de Deus e de seu Espírito na comunidade depende da maneira de viver dos cristãos. Como Deus é santo, também sua morada deve ser santa (cf. v. 17b). As divisões são um sinal visível da falta de amor recíproco entre os cristãos; onde falta amor, surgem rivalidades, ódio e vaidade. Isso acontece quando se busca a sabedoria dos homens (cf. v. 19), a qual para Deus não conta. Para edificar o “santuário de Deus”, é necessário cultivar somente a sabedoria divina, mesmo que esta seja sinal de loucura (insensatez) para o mundo.

Na raiz dos problemas estava a falta da consciência de pertencimento a Cristo (cf. v. 23). Equivocadamente, muitos imaginavam pertencer não a ele, Cristo, mas ao apóstolo ou ao pregador por meio do qual lhes tinha chegado o anúncio do evangelho ou que lhes tinha administrado o batismo (cf. 1Cor 1,12). As divisões em partidos derivavam desse equívoco. O último apelo da leitura é que essa mentalidade seja corrigida, até porque os pregadores, como instrumentos de Deus, é que pertencem à comunidade, e não o contrário (cf. vv. 21-23).

O pertencimento a Cristo, portanto, é o fator de unidade e fraternidade para os cristãos de todos os tempos e o sinal de adesão total e radical à sabedoria de Deus, mesmo que esta seja considerada loucura (insensatez) para o mundo.

3. Evangelho: Mt 5,38-48

O evangelho do dia continua a leitura do discurso da montanha e é norteado pelos temas do amor e do perdão. Jesus deixou claro que não veio para abolir a Lei, mas para cumpri-la (cf. Mt 5,17). Esse cumprimento exige uma maneira nova de interpretá-la, pondo-a à disposição do Reino e não a usando como um entrave, como faziam os mestres da Lei e os fariseus (cf. Mt 5,20). Para entrar no Reino – que não



é o paraíso, mas o mundo fraterno pensado por Deus para a terra –, os discípulos devem praticar uma justiça que supere as meras prescrições, ou seja, uma justiça que supere a dos mestres da Lei e dos fariseus.

A primeira observação de Jesus é a correção da lei da retribuição (cf. Ex 21,24): “Olho por olho e dente por dente” (cf. v. 38). Ela tinha o objetivo de evitar vinganças excessivas e inibir novos atos de violência. A vingança era muito comum, sobretudo nas sociedades mais arcaicas, e quase sempre terminava em mortes. Para evitar tais situações, essa lei propunha um equilíbrio entre o dano e a pena; por isso a denominação “lei do talião”, que significa “tal e qual”. Quem era ferido num olho por alguém, ao vingar-se, não poderia ferir mais que o olho do seu agressor, e o mesmo valia para os demais membros do corpo, para objetos roubados e bens em geral. Numa perspectiva moderna, a referida lei parece absurda, mas na Antiguidade serviu para evitar muitas catástrofes.

Jesus faz uma proposta completamente diferente e nova: a passagem da retribuição ao amor gratuito, assumindo o perdão ilimitado, de modo que seja eliminada toda forma de violência. Quando um discípulo de Jesus for vítima de violência ou de qualquer ato de maldade, não pode pagar na mesma moeda; o mal só pode ser combatido e vencido pelo bem. Destarte, com exemplos concretos do cotidiano, Jesus oferece uma ética nova e eficaz, quebrando a corrente da violência (cf. vv. 38–42).

O segundo aspecto da Lei que Jesus considera neste evangelho diz respeito ao mandamento do amor ao próximo, também com uma compreensão radical que ultrapassa qualquer lógica humana. Antes de tudo, é oportuno recordar que não havia orientação alguma na Lei que recomendasse o ódio aos inimigos (cf. v. 44). Como, porém, a norma recomendava ape-

nas o amor ao próximo (cf. Lv 19,18), e era considerado próximo apenas o compatriota, o membro do mesmo povo, alguns rabinos mais radicais interpretavam que quem não fosse próximo poderia ser odiado, sobretudo quem fosse considerado inimigo.

Jesus corrige esse erro de interpretação e propõe uma inversão radical: “Amai vossos inimigos e rezai por aqueles que vos perseguem” (v. 44). Na lógica do Reino, todas as pessoas, indistintamente, devem ser amadas, porque o parâmetro é Deus, o Pai, que “faz nascer o sol sobre maus e bons, e faz cair a chuva sobre justos e injustos” (v. 45). Tornar-nos filhos desse Pai é absorver tal mentalidade, e esse é o critério decisivo para fazer parte do Reino que Jesus oferece. O amor aos inimigos cancela a inimizade. Esse amor nasce da paternidade universal de Deus e se concretiza no cotidiano da vida, nas relações com os outros.

Também com uma série de exemplos do cotidiano (cf. vv. 46–47), como no caso da lei da retribuição, Jesus indica a direção que seus discípulos devem tomar para se tornarem perfeitos como o Pai celeste. Essa perfeição só é alcançada quando se vive um amor gratuito, generoso e desinteressado como o dele.

III. PISTAS PARA REFLEXÃO

Deus, o Santo por excelência, quer que seus filhos também sejam santos. Para isso, ele indica o caminho: o amor ao próximo e o cultivo de relações fraternas. Jesus, enquanto plenitude da Lei, estende a exigência do amor até mesmo àqueles considerados inimigos, ou seja, propõe um amor sem distinção, semelhante ao do Pai. Esse amor compreende a disposição de perdoar sem limites, acolher as diferenças, eliminar preconceitos e violências. Para refletir esse amor, a comunidade não pode alimentar divisões e rivalidades, pois isso ameaça sua condição de morada de Deus.

vp

COLEÇÃO INICIAÇÃO CRISTÃ CATECUMENAL

Formando verdadeiros discípulos missionários de Cristo!

A inspiração catecumenal é uma exigência da catequese de hoje. Atenta a essa necessidade, a Diocese de Joinville elaborou, em parceria com a PAULUS, uma coleção especial para auxiliar o catequista na preparação e na formação de verdadeiros discípulos missionários de Cristo, orientando os catequizandos no caminho da fé por toda a vida. **Confira!**

BATISMO



EUCARISTIA



CRISMA



INICIAÇÃO CRISTÃ COM ADULTOS



264 páginas

PREPARAÇÃO PARA A QUARESMA



192 páginas

A SABEDORIA DO PAPA FRANCISCO AO SEU ALCANCE!



152 páginas

141 páginas

71 páginas

176 páginas

80 páginas

No início do pontificado do papa Francisco, em 2013, os encontros semanais do papa com os fiéis, as famosas audiências gerais das quartas-feiras, passaram a ser realizadas na Praça de São Pedro. Agora, a PAULUS leva até você os ensinamentos e reflexões que o Pontífice compartilha com o público nesses momentos. Essa nova coleção reúne o conteúdo das audiências, organizando os volumes por temas, que estão entre os mais importantes para a vida do católico de hoje.

Conheça a coleção Catequeses do papa Francisco!

paulus.com.br/loja
11 3789-4000 | 0800-164011
vendas@paulus.com.br

  
@editorapaulus


PAULUS